

Um Olhar Sobre Dois Mundos

(A Escola Pública Portuguesa e a Espanhola em Terra Lusa)

André de Jesus das Vinhas

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino – Formação Inicial de Professores.
Ensino do Português no 3º. Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de
Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário.**

LISBOA, SETEMBRO DE 2010



Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português no 3º. Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Gustavo Rubim, e da Professora Doutora Fernanda Menéndez, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O candidato,

Lisboa, 14 de Setembro de 2010

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O orientador,

A orientadora,

Lisboa, de de

Dedicatória pessoal

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha esposa, tal como a todos que estiveram presentes ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar às professoras cooperantes nas respectivas instituições de ensino, a Professora Conceição Vicente da Escola de Camilo Castelo Branco, e a Professora Carmen Rojas, do Instituto Espanhol Giner de los Ríos. Graças a elas a minha tarefa como “estagiário” tornou-se bastante mais facilitada e ao mesmo tempo uma experiência imensamente enriquecedora quer em termos humanos quer em termos científicos.

Uma palavra de agradecimento também aos meus orientadores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, o Professor Doutor Gustavo Rubim e a Professora Doutora Fernanda Menéndez, por todo o acompanhamento e auxílio quer durante a P.E.S., quer na redacção deste relatório.

Por fim uma palavra de apreço para o meu companheiro de “luta” Nelson Orelhas, que sempre demonstrou um companheirismo pouco comum nos dias que correm.

Índice

Introdução.....	10
1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO ESPAÇO ESCOLAR E DO CORPO DOCENTE.....	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	13
A) ESCCB.....	13
I. Oferta formativa da ESCCB.....	14
II. Espaços Físicos Equipamentos e Materiais.....	15
III. Serviços Especializados de Apoio Educativo.....	16
a) Serviço de Psicologia e Orientação.....	16
b) Serviços de Acção Social Escolar.....	17
IV. Recursos Pedagógico-Didácticos.....	17
a) Biblioteca Escolar e Centro de Recursos Educativos.....	17
b) Centro de Cultura.....	17
V. Equipamentos Informáticos e Audiovisuais.....	18
VI. Instalações Desportivas.....	18
VII. Sala de Estudo – Espaço Aberto.....	18
VIII. Áreas curriculares não disciplinares.....	19
a) Estudo Acompanhado.....	19
b) Área de Projecto.....	19
c) Formação Cívica.....	19
d) Actividades de enriquecimento curricular.....	19
B) IEGR.....	22
I. Edifícios e instalações.....	22

II.	Serviços oferecidos pelo IEGR.....	24
III.	Características de alunos e docentes.....	24
3.	CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE ENSINO ATRIBUÍDOS.....	25
	A) ESCCB.....	25
	A turma de Português: 8º A.....	25
	B) IEGR.....	25
	Os Grupos – ensino do Espanhol.....	26
	i. 2º ESO Grupo A.....	26
	ii. 3º ESO Grupo A.....	27
	iii. 3º ESO Grupo C.....	27
4.	ACTIVIDADES E PROJECTOS EDUCATIVOS.....	27
	A) ESCCB.....	27
	I. Visita de Estudo à torre V.T.S.....	27
	II. Visita de Estudo a Coimbra e ao Lugar dos Afectos.....	28
	III. Quadros de Valor e Excelência.....	29
	IV. Geração Móvel e Desafios.....	30
	V. Visita de Estudo ao Teatro.....	30
	VI. Projecto de Interação Geracional.....	31
	VII. Actividades do Plano Nacional de Leitura.....	32
	VIII. Dia do Livro e do Autor.....	33
	B) IEGR.....	34
	I. Centenário do nascimento de Miguel Hernández.....	34
	II. “Librómetro”.....	35
	III. Visita à Cinemateca.....	35
	IV. Semana do Livro.....	36
	V. Comemoração do Dia Mundial do Livro.....	36
	VI. “La Terrible Sintaxis”.....	37

5. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO.....	38
A) ESCCB.....	38
I. Avaliação Diagnose.....	38
II. Avaliação Formativa.....	39
III. Avaliação Sumativa.....	39
IV. Critérios Gerais de Avaliação.....	40
B) IEGR.....	41
I. Procedimentos de Avaliação.....	41
II. Critérios de Classificação.....	42
III. Programação do departamento de <i>Lengua Castellana y Literatura</i>.....	42
IV. Reuniões de Departamento.....	43
V. A aquisição de Competências.....	43
VI. Avaliação Diagnose.....	44
6. A TURMA COMO ELEMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR.....	44
A) O papel do Director de Turma (ESCCB).....	44
B) O papel do Tutor (IEGR).....	45
7. ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS NO ESPAÇO ESCOLAR.....	45
I. Gestão da Sala de Aula.....	45
A) ESCCB.....	45
B) IEGR.....	47
II. Metodologias: tarefas e prolongamento do trabalho em casa.....	48
A) ESCCB.....	48
B) IEGR.....	48
8. RELAÇÃO PEDAGÓGICA.....	49
9. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (P.E.S.).....	52
A) ESCCB.....	52
B) IEGR.....	53

10. ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	54
11. BALANÇO FINAL: COMO É SER PROFESSOR NOS DOIS SISTEMAS.....	57
Pontos fortes e pontos fracos.....	57
A) ESCCB.....	57
B) IEGR.....	58
12. CONCLUSÃO.....	59
BIBLIOGRAFIA.....	61
ANEXOS.....	63

INTRODUÇÃO

Visão de duas realidades tendo Portugal como pano de fundo.

Tendo em conta uma abordagem descritiva detalhada, pretende-se abrir caminho para um enriquecimento comum, através do contributo de duas formas de ensino bastante características e específicas. A base de trabalho será a experiência vivida ao longo do ano lectivo, nas duas instituições de ensino que servirão como exemplo do sistema educativo público português, caso da Escola Secundária de Camilo Castelo Branco (ESCCB) e do sistema de ensino espanhol em território luso, caso do Instituto Espanhol Giner de los Ríos (IEGR).

Visto vivermos numa era de globalização e sendo Portugal membro da Comunidade Europeia, que é hoje um espaço onde a livre circulação de pessoas e consequentemente de culturas é uma realidade inegável, torna-se imperativo que os sistemas educativos acompanhem todas estas mudanças, quer sociais, quer culturais. Num mundo global os sistemas de ensino terão que ser cada vez mais unificados.

À medida que vamos avançando neste novo milénio, as técnicas de ensino vão-se diversificando e por conseguinte a comunidade escolar, daí que esta análise pretenda descrever de uma forma global o modo de funcionamento do universo escolar das instituições de ensino em causa, desde o grupo docente aos grupos de ensino, passando pelas infra-estruturas e pelos materiais de apoio utilizados, numa caracterização directa baseada na Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.).

Nota: neste estudo serão utilizadas as siglas ESCCB e IEGR, em referência às duas instituições estudadas, a saber, Escola Secundária de Camilo Castelo Branco e Instituto Espanhol Giner de los Ríos.

1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO ESPAÇO ESCOLAR E DO GRUPO DOCENTE.

A caminhada começou bem antes...

Estávamos no mês de Julho de 2009, momento em que iria conhecer as diferentes escolas abertas ao estágio de Português e de Espanhol.

Primeiro passo, escolher o estabelecimento de ensino.

Numa reunião com todos os meus colegas, futuros estagiários, e com as professoras responsáveis, ficou decidido que iria fazer a minha Prática de Ensino Supervisionada em dois estabelecimentos de ensino diferentes: a parte correspondente ao Português, seria na Escola Secundária Camilo Castelo Branco; a relativa ao Espanhol seria no Instituto Espanhol Giner de los Ríos, no Dafundo. Algumas interrogações assolaram o meu espírito: Onde se localizariam estes estabelecimentos de ensino? Como seria recebido?

Respirei fundo e respondi para mim mesmo: Desejo que o meu percurso neste ano lectivo não seja “Um Amor de Perdição”. Era chegado o momento de contactar com as minhas futuras orientadoras. Um nervoso miudinho surgiu e com ele algumas dúvidas...

Digitei então o número da minha futura orientadora, sabia apenas que se chamava Conceição Carvalho, e eis, que uma voz doce e afável responde e acalma todas as minhas incertezas. Foi como um bálsamo, não haja dúvida, soube naquele momento que poderia ir de férias descansado, só teria que me apresentar no início de Setembro.

Chegou então o mês de todas as provas, mês esse que significaria a passagem de aluno para o papel de “Professor”. No ano lectivo que se avizinhava a avaliação seria uma constante, quer por alunos, quer pelos orientadores que me iriam auxiliar nesta nova etapa.

O tão ansiado dia chegou... Após uma noite mal dormida, devido à ansiedade, dirigi-me à Escola Secundária Camilo Castelo Branco, onde iria realizar a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) em Língua Portuguesa. Finalmente conheceria a minha Orientadora e iniciaria o ano lectivo. Foi sem dúvida um dia marcante... Saí, com a certeza de que havia ali um bom ambiente de trabalho. Sabia de antemão que a adaptação não seria um problema, já que não estaria só nesta caminhada, pois teria a companhia do meu colega Nelson Orelhas.

Após alguns dias de trabalho ficou acordado que me caberia a mim leccionar a turma A, do 8ª ano de escolaridade, na disciplina de Língua Portuguesa e seguiria, embora mais superficialmente, a turma C do 9º ano de escolaridade, já que estaria a cargo do meu colega Nelson Orelhas. A turma da Orientadora, o 9º G, funcionaria em regime aberto.

Para além destas duas disciplinas acompanháramos a turma respectiva na disciplina de Estudo Acompanhado, embora de forma voluntária. Feitas as planificações a médio e longo prazo, iniciámos também a realização dos testes diagnóstico. Estava portanto a chegar o dia em que iria conhecer os meus alunos.

Ali estávamos nós frente a frente. Certamente não esquecerei aqueles olhos tão observadores, seguramente teriam o seu quê de razão para toda a sua curiosidade. Feitas as primeiras apresentações pude perceber que tinha na generalidade um bom grupo de trabalho.

Tinha ultrapassado uma etapa, mas faltava agora passar no exame dos alunos que iria acompanhar no Instituto Espanhol. Perguntava-me que tipo de alunos iria eu encontrar numa instituição de ensino público-privada tão diferente e especial.

Neste estabelecimento de ensino, tutelado pela Consejería de Educación em solo português, ficou decidido que acompanharia três grupos de alunos diferentes, sob a orientação da professora Carmen Rojas. O primeiro seria o grupo 2º A e assistiria também ao 3º A e ao 3º C todos respeitantes à E.S.O. (Educación Secundaria Obligatoria).

Tudo era diferente naquele espaço, respirava-se a língua de Cervantes por todos os lados. Feitas as apresentações devidas, apercebi-me que seria uma experiência enriquecedora a todos os níveis, e que certamente muitos gostariam de estar no meu lugar.

Era como se estivesse em Espanha sem sair de Portugal.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO INSTITUCIONAL.

A) ESCCB

Inaugurada no ano de 1985, a Escola Secundária de Camilo Castelo Branco fica sediada em Carnaxide, hoje a freguesia mais jovem do concelho de Oeiras, pois antes da reorganização administrativa efectuada em 1993, esta era composta pelas também hoje freguesias de Algés, Queijas, Cruz-Quebrada/Dafundo e Linda-a-Velha.

Com um nome algo invulgar, Carnaxide fazia parte do Reguengo de Algés que se estendia da Ribeira de Alcântara ao Reguengo de Oeiras, foi a terceira a ser criada a nível nacional. Local de passeio de nobres e poetas por excelência, era descrita á época como "aprazível e de bons ares e muito abundante de excelentes águas". Carnaxide é hoje a maior freguesia do concelho de Oeiras, com uma área de 6,5 km ², constituída pelos aglomerados urbanos de Carnaxide, Outurela e Portela.

Localizada na concelhia de Oeiras, considerada segundo estudos recentes como o município com maior rendimento *per capita* do país, isso reflecte-se também na população escolar, pois é de referir que uma percentagem significativa dos Encarregados de Educação possui um grau académico universitário.

Apesar destes aspectos, a Escola recebe uma comunidade escolar bastante heterogénea em virtude da criação de alguns bairros sociais ao longo dos anos noventa, o que a torna bastante rica também em termos culturais, passando por isso a ser considerada uma escola sobretudo *inclusiva*, pois as duas valências, a *inclusiva* e a *exclusiva*, convivem de forma salutar.

Até finais dos anos noventa, a Escola apenas dispunha de turmas do currículo nacional, Básico e Secundário, no entanto passou a oferecer aos alunos nessa altura os primeiros currículos alternativos. No presente ano lectivo de 2009/10 a ESCCB conta com cerca de 800 alunos distribuídos por 40 turmas do Ensino Básico, Secundário e Educação e Formação de Adultos (EFA).

O 3º Ciclo do Ensino Básico é frequentado por aproximadamente 300 alunos divididos pelas 13 turmas de ensino regular. Por seu lado cerca de 60 fazem parte das turmas dos Cursos de Educação e Formação (CEF).

No que ao Ensino Secundário diz respeito, frequentam-no um total de 410 alunos, divididos pelas diversas áreas. A saber: 215 nos Cursos Científico-humanísticos, distribuídos por 8 turmas, 22 alunos nos Cursos Tecnológicos (1 turma) e, por fim, 180 alunos nas 10 turmas dos Cursos Profissionais. É de referir que nos cursos de Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário estão matriculados 45 educandos nas 3 turmas existentes.

Para além destes níveis de ensino, a ESCCB, passou desde há dois anos a esta parte a acolher o CNO (Centro de Novas Oportunidades), um serviço público destinado a assegurar a todos os cidadãos, maiores de 18 anos, a possibilidade de se candidatarem a uma qualificação escolar, de nível básico ou secundário, e profissional, respeitando e valorizando desta forma o seu currículo académico.

O serviço docente é assegurado por 120 professores, sendo que 95 pertencem aos quadros da escola. No que ao pessoal não docente diz respeito, a escola dispõe de cerca de 35 funcionários, distribuídos pelo sector administrativo, Serviços de Acção Social Escolar (SASE) e pelos serviços de apoio e manutenção (auxiliares de acção educativa).

A principal missão da ESCCB, é a de responder às necessidades e expectativas da população estudantil, de forma a promover as competências individuais e a alcançar a excelência. Para além destes aspectos a ESCCB, empenha-se na promoção da inovação, do desenvolvimento intelectual e da cidadania dos seus alunos, visando a realização plena das suas potencialidades como indivíduos e preparando-os para a vida.

I. Oferta formativa da ESCCB.

Considerada uma escola heterogénea, a oferta educativa é disso reveladora, procurando assim proporcionar um leque de escolhas aos alunos na construção do seu percurso escolar.

Assim no 3.º ciclo do ensino básico (7.º, 8.º e 9.º anos) a escola oferece as seguintes disciplinas para além das do Currículo Geral:

- a) Oficina de Cerâmica e Design;
- b) Oficina de Teatro.

No ensino secundário, a escola oferece os seguintes planos de estudos:

a) Cursos Científico-Humanísticos:

- Curso de Ciências e Tecnologias;
- Curso de Ciências Sociais e Humanas;
- Curso de Ciências Socioeconómicas.

b) Cursos Profissionais:

- Curso de Técnico de Design;
- Curso de Técnico de Marketing;
- Curso de Técnico de Apoio à Infância;
- Curso de Técnico de Informática de Gestão.

Cursos de educação e formação.

A escola oferece, no âmbito das formações iniciais qualificantes, cursos de educação e formação:

a) Cursos de tipo 2:

- Pintura e Decoração Cerâmica;
- Práticas Administrativas.

b) Cursos de tipo 3:

- Acompanhante de Crianças

II. Espaços Físicos, Equipamentos e Materiais

Com um espaço verde e arborizado, relativamente grande, em que predomina a vegetação rasteira e árvores de vários tipos, entre elas as acácias, os chorões e as faias, a ESCCB pode-se denominar de “Escola Verde”, pois para além de toda esta comunhão com a natureza há a referir que se não fosse a gripe aviária recente, ainda hoje poderíamos presenciar os alunos, docentes e funcionários a tratarem das muitas aves que existiam, entre elas, gansos, patos, fracos, galináceos, entre outros.

No que diz respeito à estrutura dos espaços, a escola é constituída por 7 edifícios: A, B, C, D, E, Polivalente e Pavilhão Gimnodesportivo. No edifício principal (A), funcionam várias estruturas como os Serviços Administrativos, o Arquivo, a Sala de Apoio à Gripe A, Sala do Corpo Directivo, Sala de Professores, Sala de Directores de Turma, Sala de Formação, Centro de Cultura/Biblioteca, Sala da Directora, Clube de

Matemática, SASE, e o Posto Médico. No Pavilhão B, para além das diversas salas de aula, funcionam também as salas de Pintura, Design e Cerâmica, completamente equipadas para o efeito. Outro dos espaços é o Pavilhão C, que está organizado em salas de aula, Laboratório de Biologia e em diversos gabinetes de apoio às diversas áreas, a saber: Gabinete de Geografia, Línguas, Biologia e Ciências Naturais.

No terceiro Pavilhão (D), existem diversas Salas de Aula, assim como Sala de Teatro e Gabinete de Apoio do Ensino Especial.

Por último o Pavilhão (E), onde para além das salas de aula, e do Centro Novas Oportunidades (C.N.O.), existem também os Laboratórios de Física e Química e seu Gabinete e o Gabinete dos Serviços de Psicologia e Orientação (S.P.O.).

Além de todos estes pavilhões, a escola tem um edifício, denominado de Polivalente, onde funcionam vários serviços, a saber: o Refeitório e Cozinha, com confecção própria de refeições, o Bar, a Reprografia / Papelaria, uma zona de lavabos decorada com azulejos criados pelos próprios alunos, a Sala da Associação de Estudantes, o Gabinete dos Funcionários, Estúdio da Rádio Escolar, Sala de alunos com televisão e palco, e por fim o Espaço Aberto. Nesta breve caracterização não poderia deixar de haver referência às áreas dedicadas à prática desportiva. Pois a ESCCB é provida de um Gimnodesportivo, inaugurado em 1992, apetrechado de todo o equipamento necessário para o efeito. É de salientar que para além do Gimnodesportivo, a escola tem campos de jogos exteriores, equipados de relva sintética, algo ainda pouco comum nos dias de hoje, e que se torna numa mais-valia para os alunos e professores. É de referir também que a escola funciona em regime diurno (8:15h – 18:40h) e nocturno (19:00h – 23:00h).

III. Serviços Especializados de Apoio Educativo.

a) Serviço de Psicologia e Orientação.

O Serviço de Psicologia e Orientação é um serviço especializado de apoio educativo, tal como está definido na Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, artigo 26.º, e Decreto-Lei n.º 190/91 de 17 de Maio. O S.P.O. dispõe de uma equipa técnica, constituída por uma psicóloga e uma professora conselheira de orientação, que desenvolvem a sua acção nos domínios do apoio psicopedagógico e do desenvolvimento

de relações interpessoais no interior da escola e entre esta e a comunidade. Procura também apoiar os alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário, em particular do 9º e 12º anos, no que toca à orientação vocacional, tendo como principais acções por um lado a informação e orientação escolar e vocacional dos alunos e por outro o esclarecimento dos alunos e os encarregados de educação quanto às opções curriculares oferecidas pelas escolas da área e às suas consequências quanto ao prosseguimento de estudos ou inserção na vida activa.

b) Serviços de Acção Social Escolar.

A principal tarefa do SASE é a de organizar e gerir modalidades de apoio sócio-educativo respondendo desta forma a necessidades identificadas que afectam o sucesso escolar dos discentes, sobretudo:

1. Registar as carências e os recursos necessários no domínio do apoio sócio-educativo dos alunos.
2. Contactar as autoridades ou outras entidades que possam prestar apoio sócio-educativo em diferentes domínios.

IV. Recursos Pedagógico-Didácticos

a) Biblioteca Escolar e Centro de Recursos Educativos.

É de referir que a Biblioteca e o Centro de Recursos Educativos, são dois espaços extremamente bem apetrechados no que diz respeito ao material à disposição da comunidade escolar, disso sendo exemplo os cerca de 9000 livros e revistas. (cf. Foto1)

b) Centro de Cultura.

O Centro de Cultura é um espaço multimédia que inclui biblioteca, mediateca e sala de audiovisuais e que funciona sob as orientações do projecto da Rede de Bibliotecas Escolares. Este tem competência para organizar ou participar em acções de extensão educativa, difusão cultural e animação sócio-comunitária.

Ao longo do ano foram realizadas inúmeras actividades neste espaço que constam do Plano Anual de Actividades (P.A.A.) e do Plano Curricular de Turma (P.C.T.). De entre vários objectivos do Centro de Cultura podemos enumerar os mais significativos, divididos em três áreas: a vertente educativa, que tem como objectivo

promover a leitura, combater a iliteracia e incentivar os alunos na construção activa do seu próprio saber; a difusão cultural através do desenvolvimento de exposições, conferências, debates e seminários assim como fomentar iniciativas de apoio aos valores culturais locais, participando na defesa do seu próprio património; animação sócio-comunitária através da dinamização de actividades e iniciativas de carácter social, como foi o caso do Projecto Interacção Geracional.

V. Equipamentos informáticos e audiovisuais

No que toca à questão dos equipamentos, a escola tem vindo, na medida das suas possibilidades, a proceder à renovação e ampliação dos equipamentos necessários para o seu funcionamento. No entanto continua a faltar sobretudo nas salas de aula, material informático, como computadores e retroprojectores, hoje em dia tão importantes na dinamização das nossas aulas.

VI. Instalações gimnodesportivas

O Polidesportivo é composto por dois ginásios, infra-estruturas de apoio, e campo de jogos, onde os alunos podem praticar desporto de forma saudável e com todas as condições, contribuindo desta forma para uma melhor integração na comunidade.

VII. Sala de estudo – Espaço Aberto

O Espaço Aberto funciona como bolsa de substituição, tendo como objectivo colmatar a ausência imprevista e de curta duração dos docentes. Ligado a esta área funciona ainda o GIE – Gabinete de Intervenção Educativa –, que assegura o acompanhamento dos alunos que receberem ordem de saída da sala de aula. Este lugar está dividido em diversas salas concebidas para diversos efeitos tais como: a prática de xadrez, sala de trabalho onde os alunos dispõem de computadores para a realização das suas tarefas e para auxílio ao estudo, espaço lúdico com t.v., aparelhagem e jogos diversos.

VIII. Áreas curriculares não disciplinares.

Para além da oferta que consta do Currículo Nacional do Ensino Básico, a ESCCB oferece à sua comunidade escolar 3 Áreas Curriculares não disciplinares, a saber, Estudo Acompanhado, Área de Projecto e Formação Cívica.

a) Estudo Acompanhado

Visa sobretudo melhorar e ultrapassar as dificuldades nas disciplinas nucleares, Língua Portuguesa e Matemática, no ensino Básico. Ministradas em blocos de 45 minutos, estas aulas são da responsabilidade dos docentes das disciplinas atrás referidas.

b) Área de Projecto

Esta área tem como finalidade central a de envolver os alunos na criação e desenvolvimento de projectos. Desta forma, promove-se entre os alunos a articulação de saberes múltiplos e variados, garantindo condições para a abordagem de temas transversais às diversas disciplinas.

c) Formação Cívica

É uma área que procura desenvolver aspectos da educação relacionados com a cidadania, constituindo desta forma um espaço de diálogo e reflexão de experiências vividas e preocupações sentidas pelos alunos facilitando desta forma a sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.

d) Actividades de enriquecimento curricular

Sendo uma escola que se caracteriza pela imensa dinâmica no que toca a projectos penso que a melhor forma de transmitir essa mesma dinâmica será através do quadro que se segue e que é baseado no Projecto Curricular de Escola (P.C.E.).

<i>Projectos</i>	<i>Objectivos específicos</i>	<i>Actividades</i>
Clube de Jardinagem	Melhorar o espaço físico da escola. Recuperação dos espaços verdes.	Manutenção do viveiro Regar, plantar, podar.
Clube das Ciências	Expandir o gosto pelas ciências experimentais. Estimular o contacto dos alunos com o trabalho de laboratório. Realizar actividades de forma autónoma, responsável e crítica.	Actividades laboratoriais e de campo.

Clube da Matemática	<p>Descobrir a dimensão lúdica da Matemática.</p> <p>Desenvolver capacidades e atitudes que facilitem a aquisição de conhecimentos e de técnicas para compreender o mundo que nos rodeia.</p>	Jogos matemáticos
Clube de Francês	Desenvolvimento de competências no âmbito da proficiência da língua Francesa.	Ateliers, concursos.
Sala Aberta de Artes Decorativas	<p>Experimentação de materiais e técnicas.</p> <p>Criação de objectos utilitários de uso pessoal.</p> <p>Desenvolvimento das apetências artísticas dos alunos.</p>	Ateliers de artes decorativas.
<p>Jornal e Rádio Escolar</p> <p>Jornal da Camilo on-line</p>	<p>Edição do jornal de escola «O Tal Jornal». Substituído pela versão digital.</p> <p>Divulgação de informação</p> <p>Dinamização de actividades lúdico--culturais.</p> <p>Redacção de pequenas notícias, informação sobre actividades da nossa escola, curiosidades, temas da actualidade.</p>	Emissão de pequenos programas radiofónicos: música, destaques, sugestões, notícias...
Projecto Japão	Geminação com uma escola japonesa.	<p>Celebração do dia do Japão</p> <p>Troca de correspondência.</p> <p>Participação em diversos projectos e concursos.</p>
Projecto Saúde	<p>Desenvolver nos jovens capacidades, atitudes, valores e conhecimentos, que lhes permitam assumir a nível individual e colectivo a prática de estilos de vida saudáveis;</p> <p>Proporcionar um atendimento específico, global e integrado, em interdisciplinaridade com diferentes estruturas de saúde e da comunidade;</p> <p>Sensibilizar os adolescentes para a necessidade de interiorizarem mensagens que os orientem no seu</p>	<p>Distribuição de Informação</p> <p>Gabinete de Atendimento ao Jovem</p> <p>-</p> <p><i>ESPAÇO SAÚDE</i> Aplicação de Questionários:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Educação Sexual • Prevenção da Toxicodependência • Alimentação, Higiene e Actividade Física <ul style="list-style-type: none"> • Conferências • Acções de Formação

	processo de tomada de decisão.	<ul style="list-style-type: none"> Caixa das Perguntas
Programa Pessoa	Promoção do exercício e combate do sedentarismo e obesidade na adolescência.	<p>Actividades físicas e desportivas.</p> <p>Programas de promoção de estilos de vida saudáveis.</p> <p>Sessões de educação/esclarecimento para a família.</p>
Projecto etwinning	Objectivos do projecto nacional – criação de páginas webs e geminação com escolas europeias.	<p>Projectos com a colaboração de outras escolas europeias.</p> <p>Webzines:</p> <p>Freedom Writers, Free Time – projectos de alunos do ensino secundário.</p> <p>Webzine Our Space – projecto de alunos do ensino básico.</p> <p>European Schools Photo Gallery.</p>
Desporto Escolar	<p>Criação e Consolidação de uma Cultura Desportiva de Escola:</p> <p>Oferta diversificada de modalidades desportivas.</p> <p>Criação de hábitos de vida activa.</p> <p>Fomento das regras do espírito desportivo.</p> <p>Criação de boas relações interpessoais através de uma competição leal e fraterna.</p> <p>Aproximação entre todos os elementos da comunidade escolar.</p> <p>Promoção de valores que contribuam para um bom clima de escola.</p> <p>Promoção de regras de higiene e segurança.</p> <p>Promoção de convívios interescolas.</p> <p>Participação nos eventos promovidos pela CMO.</p>	<p>Actividade Interna:</p> <p>Corta-mato.</p> <p>Torneios inter-turmas: basquetebol, andebol, futsal, megasprint, Mega-salto, megakilom, voleibol, torneios de Natal e da Páscoa.</p> <p>Dia da Escola Activa.</p> <p>Actividade Externa:</p> <p>Corta-mato concelhio</p> <p>Taça coca-cola</p> <p>Megasprint, megasalto, Megakilometro.</p> <p>Intercâmbio desportivo inter-escolas.</p> <p>Festa do Desporto com Espírito Desportivo.</p> <p>Grupos Equipas:</p> <p>Golfe, futsal, badminton, tiro com arco, voleibol.</p>

B) IEGR

Criado em 21 de Setembro de 1932, o Instituto Espanhol de Lisboa sediou-se provisoriamente na Casa de Espanha na Rua do Salitre nº 1, sendo o seu primeiro Director o professor Don José Hernández Almendros.

Em 1933 é-lhe concedida a denominação de “Hermenegildo Giner de los Ríos”, indo ao encontro do desejo dos espanhóis residentes na cidade de Lisboa. Após vários anos de resistência e de cada vez maior importância na sociedade portuguesa, e depois de vários locais que conheceu como sede, eis que no ano lectivo de 1975/76 se muda para onde ainda permanece, na Rua Direita do Dafundo, nº 40, no palácio “Quinta de São João do Rio”, monumento artístico português mandado construir pelo conde de Cantanhede no ano de 1649.

I. Edifícios e instalações.

O Instituto dispõe de três edifícios principais: o edifício nobre e os denominados edifícios da primária e da secundária. Para além disto conta com um pátio central amplo entre estes edifícios. Tem também dois campos de jogos ao ar livre tal como ginásio e um pátio de jogos para os alunos da educação infantil.

Edifício Nobre

Trata-se de um edifício que tem um imenso valor patrimonial que data da segunda metade do século XVII, e é nele que se encontram hoje os serviços administrativos do Centro assim como as salas da direcção, da vice-direcção, uma sala destinada às associações de pais e alunos e um amplo espaço, designado de Espaço Nobre, que serve como local de recepção a altas entidades e outros eventos de carácter mais formal. (cf. foto 2)

Edifício da Primária

Este é o espaço onde se situam as salas para os alunos de *Educación Infantil y Primaria* e dispõe de diversas instalações tais como: Sala de audiovisuais, Sala de informática, Sala de Professores, Centro de Recursos, Reprografia, Enfermaria, Sala de Música, Refeitórios escolares, Bar e Museu. (cf. foto 3)

Para além destas áreas há que mencionar dois espaços extremamente importantes na vida do centro escolar como são a Biblioteca e o Auditório Escolar. No que toca à

Biblioteca escolar, que posso caracterizar de “fenomenal”, tal o número de obras ao dispor dos alunos e docentes nas mais variadas línguas, desde o espanhol ao latim, esta demonstra uma vitalidade imensa tendo em conta o número de discentes que a frequentam diariamente. É de referir que para além de um espaço cultural esta serve também como local de estudo por parte dos alunos e é com a maior das naturalidades que estes fazem uso do material à sua disposição. Sendo um espaço bastante amplo e aconchegante, a Biblioteca é dirigida pelo vice-director, que é o responsável pela sua coordenação, para que haja uma melhor organização. É de referir que o espaço está dividido em duas secções, uma geral e outra infantil, atendendo desta forma à sua população escolar, e que todas as obras estão registadas numa base de dados para um melhor funcionamento. Posso portanto afirmar que se trata da Biblioteca Escolar mais completa que visitei até hoje.

Relativamente ao Auditório escolar, este está situado junto ao espaço da Biblioteca e tem acesso desde o pátio e desde o próprio edifício escolar. Trata-se de um local que tem a capacidade de aproximadamente 200 lugares, todos eles sentados. Com um palco onde se realizam ao longo do ano inúmeras actividades, auxiliado por pequeno estúdio de multimédia, com todo o tipo de material, desde cabine de som até aos projectores de vídeo, este é um local com excelentes condições para o desenvolvimento do mais variado tipo de acções.

Edifício da Secundária

Trata-se do edifício onde funcionam as aulas de *Educación Secundaria Obligatoria y de Bachillerato* e que dispõe de diversas instalações à semelhança do edifício da primária: Sala de Professores; Departamento de Orientação, que auxilia os alunos nas suas opções escolares; Sala de Informática; Sala de Tecnologia; Sala de Desenho; Laboratório de Biologia e Geologia; Laboratório de Física e Química; Centro de Recursos, que é um local onde estão colocados todos os materiais e equipamentos de uso quotidiano nas salas de aula que vão desde o simples rádio até ao retroprojector; e o Gabinete do Jefe de Estudios Este é um cargo de extrema importância na organização escolar do centro, pois o Jefe de Estudios é como que um coordenador de todo o trabalho lectivo e poderá inclusive substituir o Director na sua ausência. Este tem portanto a tarefa de coordenar as actividades de carácter académico e de orientação escolar, de acordo com o projecto educativo e com os projectos curriculares de cada

disciplina, tendo também a função da programação geral do ano lectivo e a responsabilidade de zelar pela sua execução. (cf. foto 4)

Instalações Desportivas

O Centro Escolar conta com dois campos de jogos ao ar livre e um ginásio e para além destes espaços existe também um pátio para os alunos do ensino infantil e uma zona coberta para os do ensino primário onde todos podem praticar desporto de forma despreocupada. Estas instalações caracterizam-se pela alta qualidade para a prática desportiva dos diversos desportos, desde o atletismo até ao rugby. (cf. fotos 5 e 6)

II. Serviços oferecidos pelo Instituto Espanhol

Refeitório Escolar

O *Instituto Español* de Lisboa está dotado de dois refeitórios com a capacidade total de 550 lugares. Para uma melhor organização são estabelecidos turnos de entrada no refeitório, o que permite também um melhor acompanhamento.

Transporte Escolar.

A localização do Centro exige o funcionamento de um serviço de transporte escolar, dirigido fundamentalmente aos níveis obrigatórios do sistema educativo espanhol. Os alunos custeiam o total do transporte, no entanto todos podem solicitar ajuda de acordo com determinados requisitos.

Enfermaria

O Instituto Espanhol de Lisboa tem nos seus quadros um serviço de enfermaria dirigido por uma Assistente Técnica, que tem a seu cargo o cuidado da população do Centro.

(Fonte: Instituto Espanhol)

III. Características de alunos e docentes.

O IEGR é um estabelecimento de ensino público-privado em território português, tutelado pelo Governo e Ministério da Educação Espanhóis. Seguindo normas específicas que regulam os centros educativos espanhóis no exterior, a admissão

de alunos no seu espaço educativo só é permitida de acordo com determinados critérios. Aspecto fundamental que garante admissão imediata é ter nacionalidade espanhola e estar inscrito no Consulado Espanhol. Todas as outras situações serão avaliadas caso a caso. Apesar de todos os critérios de admissão, o Instituto goza de uma excelente reputação, quer pela qualidade do seu ensino, quer pela qualidade das suas instalações.

Sendo uma instituição sem fins lucrativos reconhecida quer pelo Ministério de Educação Espanhol quer pelo Português, esta é palco da troca de impressões e conhecimentos mútuos entre todos os elementos da comunidade escolar. Trata-se de um espaço multicultural, onde alunos maioritariamente espanhóis e portugueses, mas também hispano-americanos têm na língua e cultura espanholas, um ponto de equilíbrio. Para que este equilíbrio seja possível, o Instituto conta diariamente com o trabalho e empenho de aproximadamente 75 docentes nos diversos níveis de ensino.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS DE ENSINO ATRIBUÍDOS

“A criança não é um recipiente que devemos encher, mas um fogo que devemos atear.”

Montaigne

A) ESCCB

A turma de Português: 8º A.

A turma é composta por vinte e quatro alunos, catorze alunas e dez alunos, sendo a média de idades de treze anos (cf. foto 11). No presente ano lectivo nenhum aluno da turma é repetente e estão juntos desde o ano lectivo transacto, o que permite uma maior harmonia entre o grupo de discentes. Dentro deste grupo é de realçar as enormes potencialidades da maioria, que se reflectem no seu empenho, desempenho e curiosidade. À excepção de uma aluna, Salomé nº. 22, todos frequentaram um estabelecimento de educação pré-primária e apenas as alunas Catarina, nº 5, e Raquel, nº 19, registam uma retenção em anos anteriores.

Esta turma revela gostos e formas de ocupar os seus tempos livres bastante variados, que vão desde o hipismo, passando por navegar na internet, ouvir música, ler, ver televisão, até à prática desportiva e os jogos electrónicos. Em média os alunos

estudam entre uma a duas horas diárias normalmente na companhia das mães. De referir que no que toca às disciplinas favoritas, os educandos revelam maior gosto pelas disciplinas relacionadas com as ciências exactas, Matemática, Ciências Naturais e Físico Química.

Apesar de alguns elementos revelarem alguma baixa auto-estima, aliada a alguma timidez, procurou-se desde início que esses mesmos alunos pudessem ultrapassar essa barreira de forma a progredirem satisfatoriamente. Neste grupo sobressaem pelo seu empenho e resultados escolares, sobretudo 4 alunos, a saber, Ana nº.1; João nº. 11; Maria Inês nº. 13 e Salomé nº. 22.

B) IEGR

Os Grupos – ensino do Espanhol

i. 2º ESO Grupo A

O grupo de trabalho do 2º ESO (Educación Secundaria Obligatoria), o correspondente ao 8º ano de escolaridade no sistema de educação português, é constituído por 27 alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, sendo que 9 são do sexo masculino e 18 são do sexo feminino. Trata-se de um grupo bastante homogéneo, que se caracteriza pelo empenho, trabalho e dedicação.

Com o desenrolar das observações pude de facto constatar que era um grupo de trabalho bastante equilibrado apesar de um pouco irrequieto por vezes, no entanto o trabalho era desenvolvido, quer fora quer dentro do espaço de aula, de forma bastante satisfatória.

De realçar que não havia elementos designados perturbadores, e entre eles as relações eram as melhores possíveis, isto apesar de estarmos na presença de alunos de diversas nacionalidades e culturas. Embora de a maioria dos alunos fosse de origem hispânica, havia alguns elementos que não o eram, mas no entanto tinham fortes ligações a Espanha.

ii. 3º ESO Grupo A

À semelhança do grupo de trabalho anteriormente caracterizado, este é um grupo extremamente empenhado e simpático, e os resultados assim o demonstravam. Trata-se de uma turma que corresponde ao 9º ano de escolaridade do sistema regular português constituída por 26 alunos, 15 alunos e 11 alunas, em que só uma aluna é nova no grupo, o caso da aluna Maria González, todos os outros vêm juntos do ano lectivo passado, o que tem como resultado uma enorme união e entreajuda. Com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, sempre correctos e atentos, os alunos demonstravam-se sempre dispostos e participativos em todas as actividades, quer fora, quer dentro da sala de aula.

iii. 3º ESO Grupo C

Com 25 discentes, em que 3 deles são novos no Instituto, e um é repetente, caso de José Riveiro, este grupo é composto por 13 rapazes e 12 raparigas. Este conjunto de alunos tem a particularidade de ser constituído por uma panóplia diversificada de nacionalidades, desde a portuguesa à italiana.

Trata-se de um grupo bastante irrequieto ao contrário dos anteriormente descritos, o que por vezes tornava o decorrer das aulas algo bem difícil. Esse mesmo aspecto reflectia-se no processo de ensino e aprendizagem e por conseguinte no seu aproveitamento, que apesar de razoável, poderia ser bastante melhor. Apesar de irrequietos, respeitavam-se entre si e não vislumbrei qualquer problema de indisciplina que pudesse pôr em causa a autoridade do professor.

4. ACTIVIDADES E PROJECTOS EDUCATIVOS.

A) ESCCB

I. Visita de Estudo à Torre V.T.S.

Realizada na data em que se regista a comemoração do Dia Mundial do Mar, algumas turmas, entre as quais as turmas do 8º A e do 9º C, tiveram uma oportunidade única, a de terem conhecimento de como funciona o controlo marítimo do rio Tejo, e não só.

Eis que no dia 25 de Setembro, “zarpámos” bem cedo rumo a Algés a fim de conhecer por dentro as instalações da Torre V.T.S, local esse que serve de base ao Controlo de Tráfego Marítimo, Pilotagem, Segurança Portuária, Ambiente Portuário e Fiscalização do rio Tejo. Foi deveras interessante, todos revelaram curiosidade por um tema que não é o mais corrente. Mas o melhor estava para acontecer...

O passeio no Tejo a bordo da embarcação AMETISTA e a oportunidade de alunos o manobrem, quer para bombordo quer para estibordo. Foi realmente gratificante poder ver o entusiasmo que a maioria dos alunos demonstrou, afinal aquela foi a primeira e quem sabe se a única vez que tiveram a hipótese de manobrar um barco. Foi portanto o realizar de um sonho para muitos deles.

Terminada a aventura é tempo de regressar, mas decerto que muitos dos alunos jamais irão esquecer aquele dia. Exemplo disso foram os diversos trabalhos realizados pelos alunos, onde a temática do mar está bem patente. (cf. Anexos pág.68)

II. Visita de Estudo a Coimbra e ao Lugar dos afectos.

Inserida no Plano Curricular de Turma (P.C.T), realizou-se no passado dia 16 de Outubro de 2009 uma Visita de Estudo à cidade de Coimbra e à localidade de Eixo-Aveiro. Esta actividade teve como principal objectivo despertar nos alunos o gosto pela leitura através da visita de locais emblemáticos da cidade que acolheu a primeira universidade portuguesa, mas também o de aprofundar os seus horizontes culturais. Para além da visita à Sé Velha, onde estão sepultadas figuras importantes do nosso país, como é o caso do Rei D. Afonso Henriques, os alunos tiveram também a oportunidade de conhecer o espaço das diversas Faculdades, assim como o local onde o escritor Miguel Torga teve o seu consultório médico. Desde cedo os discentes revelaram enorme entusiasmo. Prova disso foi o trabalho feito previamente: pesquisa sobre escritores que tiveram Coimbra como ponto de convergência, e estudo de alguns aspectos da própria cidade.

Era visível a sensação de alegria presente em cada rosto, mesmo com a difícil tarefa de percorrer o trajecto do Quebra-Costas, em que cada pedra da calçada contava uma história, uma peripécia

Finda a passagem por Coimbra e após almoço, rumámos então ao *Lugar dos Afectos*. Se a passagem por Coimbra permitiu que os alunos desenvolvessem e adquirissem aspectos histórico-culturais, a visita deste local teve um resultado e um objectivo completamente diferente. Como o próprio nome indica, este é um espaço onde *miúdos e graúdos* podem sem complexos exprimir os seus sentimentos de forma autêntica e natural, é como que voltar a ser criança novamente.

Todo o espaço repleto de cor e de fantasia, fez com que os alunos fossem transportados para uma dimensão que permitiu o fortalecimento dos laços interpessoais, quer entre alunos, quer entre os mesmos e os seus docentes. (cf. fotos 7 e 8)

III. Os Quadros de Valor e Excelência.

Os Quadro de Valor e Excelência destinam-se a promover e a premiar os alunos pelo desempenho escolar, por um lado, e por outro pela potencialidade humana.

Feito um breve resumo do que tratam os Quadros de Valor e Excelência, passemos ao contributo que os alunos do 8º A e do 9º C deram nesta cerimónia levada a cabo no “Auditório Ruy de Carvalho” em Carnaxide, no dia 3 de Dezembro de 2009.

Organizado de encontro ao tema definido para o Plano Anual de Escola (PAE) deste ano, "100 anos de república, 100 anos de conhecimento", os alunos tiveram duas representações em palco bastante distintas.

A primeira consistiu numa visita virtual a um museu em que se ia contando a vida e a obra do multifacetado Almada Negreiros (cf. foto 9).

A segunda representação teatral consistiu em retratar o ensino ao longo dos últimos cem anos, isto é, desde o início do século XX, passando pelo Estado Novo, depois avançando até ao pós-25 de Abril e finalizando na escola actual (cf. foto 10).

Num ambiente de festa em que as actividades foram imensas e variadas, desde a representação à dança, passando pela música, entre outras, pode-se referir que foi como que abrir a escola à comunidade e dessa forma fortalecer os laços entre todos.

IV. Geração Móvel e Desafios

Como forma de comemoração do Dia da Internet Segura, a Direcção Regional de Educação do Norte convidou escolas, professores e alunos a participarem na iniciativa *Geração Móvel e Desafios*.

O repto lançado aos alunos consistia em dar continuidade a um conjunto de histórias que descreviam situações de risco iminente na utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação. A turma do 8º A participou nesta iniciativa e as suas histórias estão publicadas como livro digital em: <http://w3.dren.min-edu.pt/gm/ano8/vol2/index.html>

Os trabalhos foram desenvolvidos em Área de Projecto, tendo sido apresentados à comunidade escolar, no passado dia 12 de Fevereiro de 2010, no Centro de Cultura. Foi uma actividade que pretendeu alertar para os reais riscos do mundo das novas Tecnologias.

V. Visita de Estudo ao Teatro.

No âmbito do programa de 8º ano, realizou-se no dia 19 de Fevereiro uma visita de estudo à companhia de teatro “O Sonho”, em Lisboa a fim de assistir à representação da peça “Falar Verdade a Mentir” de Almeida Garrett.

Depois de analisada e estudada a peça em aula era interessante ver a reacção dos alunos à peça em cena, e desta forma poderem fazer o paralelo entre a *palavra escrita e o texto representado*. Pelo entusiasmo quer antes quer depois da peça, percebeu-se que os alunos tiveram a verdadeira percepção do objectivo da peça.

Este tipo de actividades para além de aumentarem o nível cultural dos alunos permite que os laços entre eles se fortaleçam, e há que relembrar que o papel do professor também é o de formar jovens e adultos conscientes para o futuro que se avizinha.

VI. Projecto de Interação Geracional.

Numa parceria entre a Escola Secundária Camilo Castelo Branco e o Centro Social e Paroquial de São Romão, realizaram-se diversos encontros entre o grupo de trabalho do 9º C e os idosos que fazem parte deste centro social. Este projecto teve como objectivo aproximar duas gerações que hoje em dia andam um pouco desencontradas e proporcionar momentos de convívio a todos os intervenientes.

A pergunta inicial no início desta actividade poderia muito bem ser: Será que os alunos vão passar a olhar para um idoso da mesma forma?

O primeiro encontro realizou-se na Escola Camilo Castelo Branco e estiveram presentes somente seis idosas, mas mais teriam sido se as dificuldades de deslocação o permitissem. Este encontro preliminar traduziu-se num recital de poesia, num jogo bastante saudável de adivinhas, entre muitas outras actividades em que se valorizou imenso a tradição oral. É incrível a capacidade das idosas em recitarem poemas completos só de memória, apesar da sua idade bastante assinalável.

Os alunos por sua parte também declamaram versos, tal como nós professores, para além de pequenos contos, adivinhas e lendas.

Apesar de algum receio inicial, de como iriam reagir os alunos à actividade, é de ressaltar a entrega, dedicação e empenho de todos para que tudo corresse bem. No final os alunos estavam entusiasmadíssimos com a experiência e queriam repeti-la em breve. (cf. foto 11)

2º Encontro do Projecto de Interação Geracional.

Agora era a vez de os alunos se deslocarem ao Lar de idosos. A expectativa aumentava à medida que nos íamos aproximando do local. À nossa chegada tínhamos uma das responsáveis pelo projecto à nossa espera com um cesto, que ia distribuindo aleatoriamente uns papelinhos com cores diferentes para que todos fossemos fazendo grupos distintos. Seria a selecção para um jogo. Mas que tipo de jogo seria?

Divididos em vários grupos, agora com todos os idosos do Lar, demos início ao jogo. Era um jogo de cultura geral sobre Portugal. Foi interessante poder observar jovens e idosos a competirem nas mesmas equipas por um objectivo comum. Por

momentos a barreira da idade foi quebrada, o que permitiu um ambiente salutar entre todos. (cf. Foto 12)

3º Encontro do Projecto de Interação Geracional.

Realizada novamente no espaço do Centro de Cultura da ESCCB, esta iniciativa teve como objectivo aproximar ainda mais a turma dos idosos que até nós se deslocaram, através do uso das novas tecnologias, essencialmente o uso da Internet.

Recorrendo aos computadores do espaço da Biblioteca Escolar, os idosos puderam pela primeira vez escrever um e-mail, visitar monumentos on-line, entre muitas outras actividades. Há que referir que esta iniciativa funcionou como se de uma equipa se tratasse, pois os alunos divididos em grupos auxiliavam os idosos nestas novas “tarefas”. (cf. foto 13)

VII. Actividades do Plano Nacional de Leitura (P.N.L.)

No âmbito do P.N.L, foram realizadas ao longo do ano lectivo várias acções na Biblioteca Escolar, com o objectivo de aproximar os jovens alunos do livro como algo agradável e dessa forma incutir o gosto pela leitura enquanto actividade recreativa. Trataram-se também de actividades que procuraram desmistificar o espaço da própria Biblioteca, pois para alguns deles, trata-se de um espaço ainda desconhecido.

Numa primeira fase, e como forma de introduzir acções futuras, realizou-se no passado dia 4 de Dezembro um encontro em género de tertúlia, em que os alunos analisaram a revista Visão Júnior extraindo as suas principais ideias. Para além desta actividade, ficaram delineados desde logo pequenos projectos a elaborar posteriormente, tais como: “Venda de uma viagem à Croácia” e a construção de um “Livro de Receitas”, recorrendo às receitas de pais, avós ou outros familiares.

Como havia referido anteriormente, realizou-se no dia 19 de Fevereiro uma acção por parte dos alunos, previamente preparada, em que organizados em grupos teriam de proceder à venda de uma viagem à Croácia. Foi uma acção bastante diversificada, desde a apresentação de slides, à tentativa de seduzir a plateia quanto aos pontos a favor dessa mesma viagem, como se de uma agência de viagens se tratasse. Foi interessante poder ver a competição saudável entre os próprios discentes.

No dia 19 de Março do presente ano, o encontro teria como pano de fundo a tragédia que assolou a Madeira. Os alunos teriam de preparar uma notícia, vestindo a pele de repórteres de rádio, dando conta do que estava a acontecer naquele preciso momento na Ilha da Madeira. Foi interessante poder ver mesmo os que menos participam e se sentem mais retraídos, quererem participar de forma activa e deixarem dessa forma a timidez de lado. Afinal de contas estas iniciativas têm também esse objectivo, o de desenvolver determinadas competências, recorrendo a um espaço diferente da sala de aula.

VIII. Dia do Livro e do Autor

Como forma de celebrar o Dia Mundial do Livro e do Autor, realizaram-se no dia 30 de Abril no espaço do Centro de Cultura/Biblioteca, uma série de actividades que tinham como principal objectivo aproximar o Livro da comunidade escolar, assim como o de incentivar o gosto pela leitura. Recorrendo a diversas actividades lúdicas/jogos, pretendia-se criar uma atmosfera agradável onde todos pudessem dar o seu contributo. Recorrendo a diversas actividades lúdicas.

Numa primeira fase, que podemos denominar de “A origem do Livro”, alguns alunos dramatizaram, como se eles próprios fossem páginas de um livro, um livro com vida dando conta da sua mensagem e do seu folhear. Esta recepção de boas vindas daria início às actividades.

O segundo ponto das acções seria a visualização de um powerpoint que dava a conhecer a origem e evolução da escrita até à invenção da imprensa. Foi como que uma viagem no tempo também evidente num pequeno trecho do filme “O Nome da Rosa”, em que é demonstrado o papel dos monges copistas na Idade Média. Após esta pequena introdução, os alunos convidados tiveram a oportunidade de participar com Lendas, Contos, Adivinhas, Lengalengas, Mezinhas, Receitas, Instruções Agrícolas entre outros textos.

Concluída esta fase os discentes participaram num pequeno jogo em que teriam de responder num quadro gigante a umas pequenas perguntas relacionadas com a origem do 1º livro, assim como preencher um cartaz, ordenado e associando determinada obra com o autor e século em que foi escrita. Esta situação seria algo

comum a todas as turmas participantes ao longo de toda a celebração. Todas estas actividades revelaram-se bastante divertidas e motivadoras para os alunos pois o seu entusiasmo assim deixava transparecer. (cf. fotos 19 e 20)

A etapa seguinte da comemoração do Dia do Livro e do Autor começou novamente com uma dramatização por parte dos alunos, em que estes deram novamente vida às páginas de um livro, passando à audiência uma determinada mensagem. Feita a recepção a um novo conjunto de turmas, passámos à visualização de um pequeno powerpoint em que se retratou a evolução do livro até aos dias de hoje, isto é passando do livro real ao livro virtual.

Terminada esta fase tivemos o privilégio de ter connosco dois antigos professores que vieram falar da sua experiência pessoal como escritores e da forma como crêem que surge a inspiração para escreverem determinada obra. Após as suas apresentações, deu-se início a um pequeno debate que teve como ponto de partida “O que é para mim o livro”, em que os alunos puderam expressar os seus pontos de vista e opiniões em relação ao assunto.

Como forma de encerramento das actividades cada participante, aluno, professor e não só, teve a oportunidade de dar a sua opinião relativamente ao livro que o teria marcado e o porquê desse facto. Pode-se acrescentar que todas estas actividades funcionaram de forma bastante animada e num ambiente de grande envolvimento por parte de todos os intervenientes. (cf. foto 18)

Nota: parte destas actividades estão documentadas em vídeo no cd que segue em anexo.

B) IEGR

I. Centenário do nascimento de Miguel Hernández

Homenagem a Miguel Hernández.

Como forma de comemorar e homenagear a figura de Miguel Hernández, foi levada a cabo pelo departamento de *Lengua y Literatura*, uma iniciativa interactiva intitulada: “**Antología oral de Miguel Hernández, una propuesta para el homenaje**”, que consistia na participação com a leitura de um excerto da obra do autor.

Esta iniciativa, para além de aproximar o Instituto Espanhol da sua comunidade, permitiu também o reconhecimento de um dos autores maiores da cultura recente espanhola. É de referir que se tornou num imenso sucesso tendo em conta o número de participantes, como se pode verificar no seguinte link:

<http://www.voxopop.com/topic/d76541f1-ae4d-4b05-9513-c369827648aa>

Para além desta acção, que serviu para celebrar o centenário do nascimento do autor, figura esta que foi o centro de todas as comemorações no Instituto Espanhol neste ano lectivo, os alunos dos vários grupos decidiram participar com cartazes e com pequenas gravuras, que foram “lançando” por todo o espaço escolar, daí que a iniciativa se intitulasse de **“Poesía al Viento”** (cf. fotos 16 e 17)

II. “Librómetro”

Como forma de inculcar o gosto pela leitura em todos os alunos, uma das tarefas que os alunos se comprometiam realizar, era a da construção na sala de aula de um “medidor” de leituras a que se chamou *Librómetro*. Os alunos iam acrescentando à medida que o tempo ia passando os nomes dos livros e dos seus autores numa parte da sala de aula, reservada para o efeito.

Esta actividade era comum a todos os grupos de trabalho e mostrou-se bastante profícua, pois era com enorme entusiasmo que os alunos mostravam as suas leituras quer a professores, quer a colegas.

III. Visita à Cinemateca

Realizou-se na passada quarta-feira, 24 de Fevereiro de 2010 uma pequena visita à Cinemateca em Lisboa. Alguns alunos do 3º B e do 3º C e no âmbito da disciplina de Comunicação e Audiovisuais, puderam assistir a um filme protagonizado e realizado por Charlin Chaplin, intitulado de *“O Circo”*.

Através desta actividade os alunos puderam conhecer mais de perto as verdadeiras origens do cinema mundial. Tratou-se de um momento verdadeiramente enriquecedor e agradável pois toda a envolvimento o permitiu. É de referir que o filme,

uma obra-prima da história da cinematografia mundial, teve o acompanhamento sonoro de um pianista, de modo a envolver o espectador na totalidade visto tratar-se de um filme mudo. Para além da visualização deste filme os discentes puderam usufruir de um momento mais fantástico e lúdico através da pequena exposição de materiais cinematográficos, que os transportou para o mundo do sonho e da imaginação.

IV. Semana do livro

No dia 22 de Abril alguns pais de alunos dos grupos de trabalho do 2º A e do 3º A proporcionaram um momento especial, dando a sua opinião e visão de determinadas obras e autores. Foi como que um regresso à sua própria adolescência, recordar a leitura dos clássicos e transmitir as sensações que estas obras lhes haviam proporcionado.

Com os seus relatos pais e alunos puderam viajar por entre as personagens da *Celestina*, pelo mundo picaresco de Lázaro de Tormes, dos amores de Garcilaso e Isabel Freyre e do misticismo de San Juan de la Cruz. Porém esta viagem não podia acabar sem as espectaculares aventuras de Don Quijote.

Este foi um dia inesquecível para todos, pois foi possível confrontar e debater as próprias ideias sobre determinados aspectos desses mesmos autores, para além de que os alunos puderam presenciar uma forma diferente de transmitir conhecimento e informação literária. (Fonte: <http://segundodelaeso.wordpress.com>)

V. Comemoração do Dia Mundial do Livro

Nos festejos da Semana do Livro do Instituto Giner de los Ríos, Miguel Hernández foi a principal figura de todas as actividades. Há que referir novamente que o escritor foi o centro de todas as comemorações, pois celebrou-se o centenário do seu nascimento, e não existe melhor forma de homenagear este ícone da cultura espanhola senão torná-lo como mais um elemento do próprio Instituto.

Os alunos do 2º A da ESO uniram as suas vozes à do poeta, e colocaram em cena o espectáculo “**Miguel Hernández, poeta al viento**” para contarem a sua vida e cantarem os seus poemas.

A primeira parte do espectáculo consistiu em formar as iniciais do nome do poeta, deixando desta forma de lado as identidades individuais e adoptando o rosto e as palavras de Miguel Hernández. O grupo passou em palco os momentos mais significativos do poeta, entre os quais a famosa “Elegía a Ramón Sijé” na versão de Joan Manuel Serrat.

A segunda parte do espectáculo centrou-se na dramatização da carta que o poeta escreveu desde a prisão à sua esposa Josefina, quando soube que ela e o seu filho não tendo que comer escreve “Nanas de la cebolla” (cf. foto 15). Esta actividade, realizada em pleno anfiteatro, foi um enorme sucesso devido ao entusiasmo evidenciado por participantes e público em geral. (Fonte: <http://segundodelaeso.wordpress.com>)

VI. “La Terrible Syntaxis”

Como forma de desmistificar a ideia de que a gramática é um tema que não serve como ferramenta futura aos alunos e que esta é algo aborrecido de aprender, realizaram-se no grupo do 2º ESO diversas actividades que vieram corroborar a ideia de que se pode aprender sintaxe de forma divertida e alegre. Numa primeira fase a professora Carmen Rojas tratou de adaptar uma música bastante conhecida, “Asereje”, e transformar a letra original numa adaptada à temática da sintaxe. (cf. Anexo pág.69) Este foi portanto o ponto de partida que tinha como objectivo clarificar determinados aspectos importantes no estudo deste ponto da matéria, para além de transmitir um certo carácter lúdico à actividade.

Numa segunda fase e com o intuito de responsabilizar quer alunos quer Encarregados de Educação, ambos aceitaram cumprir uma espécie de contrato que visava a análise de 150 orações por parte dos discentes, como trabalho de casa a fazer ao longo do 2º período. Desta forma os alunos teriam a hipótese de praticar e pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas. Apesar de alguma resistência inicial por parte dos alunos o trabalho foi deveras proveitoso pois permitiu aos alunos excelentes resultados.

Numa terceira fase os alunos puderam falar na primeira pessoa da sua experiência de “analísadores sintácticos” em forma de entrevista, em que deram a conhecer as suas dificuldades nesta tarefa e o que pensavam eles mesmos da questão da

sintaxe. Para além das suas experiências pessoais, deram também determinados conselhos aos seus colegas que no futuro iriam passar pela mesma situação.

Nota: Todos estes relatos estão bem explicitados no cd que segue em anexo.

5. MODALIDADES DA AVALIAÇÃO

A) ESCCB

I. Avaliação diagnose.

Este tipo de avaliação tem como objectivo verificar o estágio de aprendizagens e competências dos alunos. Deverá portanto realizar-se sempre que possível como forma de delineação e adequação de estratégias de ensino.

A escola definiu como indispensável a avaliação diagnóstico (através de testes elaborados a nível de departamento) dos alunos, no início do ano lectivo, com o objectivo de definir estratégias de actuação perante os resultados obtidos. Esta medida permite uma melhor gestão dos programas de acordo com as características e necessidades de cada grupo de alunos.

“Para que serve então a avaliação diagnóstica?”

Sempre que se inicia um percurso há que saber o ponto de partida e o ponto de chegada. O de chegada é conhecido através do programa a leccionar, já o primeiro só é possível se houver um conhecimento prévio dos alunos, daí a necessidade da diagnose, apesar da pouca receptividade por parte dos alunos.

Constatou-se nos diferentes parâmetros da avaliação a forma leviana e inconsequente de abordagem dos testes por parte de alguns alunos, nomeadamente por não se darem ao trabalho de pensar nem de fazer uma leitura cuidada do texto e do questionário. Estes dados revelam falta de empenho e envolvimento de alguns alunos que só correspondem em troca de uma contrapartida. São geralmente alunos não motivados para o estudo ou aliciados por situações exteriores. Há ainda a referir a formação educacional, pois revelam um espírito de contrapartidas. (cf. Anexos pág. 78)

II. Avaliação formativa

Sendo que o principal objectivo do ensino é a criação de condições que permitam a aprendizagem de todos os alunos e promovam o seu sucesso educativo, a função da avaliação deve surgir assente principalmente em dois aspectos: a orientação e a regulação.

A avaliação faz parte do processo educativo e condiciona-o. Daí que, ao avaliar, se reúna informação sobre o funcionamento do processo de ensino e de aprendizagem, decidindo quais os reajustamentos necessários. Trata-se de um instrumento basilar em todo o processo de ensino e aprendizagem, pois permite quantificar e qualificar o progresso das aprendizagens, permitindo também identificar as rectificações a realizar.

Do ponto de vista do aluno, a avaliação formativa, deverá ser vista como a tomada de consciência do sucesso ou não no processo de ensino e aprendizagem. Esta possibilita também desenvolver e acompanhar estratégias de diferenciação pedagógica para os alunos com dificuldades de aprendizagem por parte dos docentes. (cf. Anexos pág. 78)

III. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa consiste no recolher de informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas em cada área curricular e disciplina, dando especial atenção ao desenvolvimento do conjunto das aprendizagens e competências.

A avaliação sumativa é da responsabilidade dos docentes que integram o conselho de turma. Baseado nesta apreciação, o conselho de turma procura otimizar o processo de ensino e aprendizagem através da elaboração de planos de recuperação, de desenvolvimento e de acompanhamento.

No que à disciplina de Língua Portuguesa diz respeito, e tendo como ponto de partida a avaliação diagnose, é de referir que o aproveitamento foi considerado satisfatório como é visível através da tabela em anexo. (cf. Anexos pág. 78) Isto demonstra que o trabalho realizado surtiu efeito e que muitas das lacunas detectadas aquando da avaliação diagnose, sobretudo ao nível da construção frásica e da análise sintáctica, foram ultrapassadas.

IV. Critérios Gerais de Avaliação

Pesos na avaliação sumativa

Avaliar abrange apreender e determinar o valor e a qualidade dos processos educativos para além de outros aspectos. Quanto mais constante for este procedimento, melhor podemos organizar o progresso do currículo e maior controlo existirá nas aprendizagens efectuadas pelos educandos. O carácter contínuo da avaliação surge como uma das suas características mais importantes. Assim, em cada momento de avaliação (fim do 1º, do 2º ou do 3º período), é atribuída ao aluno uma «nota» que deverá reflectir todo o trabalho realizado pelo aluno desde o início do ano lectivo até àquele momento.

Critérios Gerais de Avaliação - Ensino Básico

Terminologia a utilizar nos registos de avaliação formativa dos alunos

- a. Insuficiente / Suficiente / Bom / Muito Bom
- b. Registo quantitativo
- c. Síntese descritiva personalizada (opcional)
- d. No enunciado, colocar a cotação de cada um dos grupos (subtotais)
- e. Tabela de cotações:

Cotação	Registo
0 - 49%	Insuficiente
50 - 69%	Suficiente
70 - 89%	Bom
90 - 100%	Muito Bom

Critérios Específicos:

Disciplina	Competências Essenciais: Competências Gerais e Específicas		Outras Competências e/ou Áreas de Formação Transdisciplinar
	Testes / Fichas de Avaliação	Outros Instrumentos	Diferentes instrumentos de avaliação
Língua Portuguesa	60%	20%	20%

B) IEGR

I. Procedimentos de avaliação

Apesar de um sistema de ensino com as suas características e especificidades, o IEGR não difere em muito do sistema público português, daí que os instrumentos de avaliação dos alunos se baseiem nos seguintes instrumentos:

- a. O caderno diário.
- b. Trabalhos de criação ou de investigação individuais ou realizado em grupo.
- c. O trabalho em sala de aula: correcção de exercícios, exposições, respostas a questões concretas, etc.
- d. Provas de avaliação sumativas escritas, contendo aspectos diversos das seguintes áreas: a análise de textos (tema, resumo, vocabulário, género e suas características, elementos da comunicação, entre outros aspectos); criação de textos; conteúdos morfo-sintácticos e léxico-semânticos e a leitura de obras programadas.

É de referir que apesar de toda a disponibilidade demonstrada por parte da professora cooperante, os dados relativos às avaliações não me foram facultados. Porém um dos aspectos que pude constatar neste capítulo, foi o de os alunos terem a oportunidade, no final de cada período lectivo, de realizarem provas de recuperação para assim obterem uma nota satisfatória.

II. Critérios de classificação

Sendo o sistema de notas diferente do sistema básico e secundário português, no *Instituto Español* para obter classificação positiva em cada uma das avaliações terá que obter uma nota de 5 valores, visto que a escala vai de 0 a 10.

Essa classificação obedece aos seguintes critérios de avaliação:

Actividades em aula, atitudes e valores.	35%
Avaliação sumativa	65%

Um aspecto que resulta diferente na comparação entre os dois sistemas de ensino, é o facto de que um aluno que tenha reprovado à disciplina de *Lengua Castellana y Literatura*, no ano transacto, poderá recuperar essa mesma nota, mas no entanto terá que atender a determinados aspectos, tais como:

- Obter nota positiva nas duas primeiras avaliações da disciplina, no ano em que está matriculado;
- Caso não se verifique a situação referida anteriormente os alunos terão de se apresentar a exame no início do 2º trimestre e no início do 3º trimestre.
- No primeiro exame serão examinadas as seis temáticas iniciais e no 2º momento de avaliação as restantes.
- Aquando do exame os alunos terão de apresentar as actividades resolvidas dos respectivos temas em questão.
- A classificação será o resultado da soma da nota das actividades (40%), com a nota da prova escrita (60%).

III. Programação do Departamento de Lengua Castellana y Literatura.

São considerados objectivos fundamentais do ensino neste departamento o desenvolvimento da competência comunicativa por parte dos alunos, para que estes possam comunicar em Língua Espanhola em qualquer situação. Outro aspecto importante será o conhecimento profundo da literatura espanhola fazendo com que os

discentes se tornem leitores críticos e conscientes, proporcionando-lhes instrumentos formais e conceitos linguísticos gerais para a aprendizagem de outras línguas.

A aquisição da competência linguística será algo gradual visto que os alunos deste centro apresentam perfis distintos, isto é, alunos cuja língua materna é o espanhol, alunos que têm a capacidade de se exprimir quer em espanhol quer em português com a mesma facilidade, e por fim alunos que não têm no espanhol e no português a sua língua materna.

Estes aspectos fazem com que o ensino da língua espanhola se faça segundo uma dupla orientação na mesma sala de aula, por um lado o ensino de uma língua materna por outro lado a de uma língua estrangeira.

O facto do espanhol e do português serem línguas tão próximas, dá lugar ao aparecimento de expressões e de estruturas erradas, o que faz com que os docentes tenham de trabalhar estas situações com maior intensidade, pois torna-se evidente uma cada vez maior generalização desses mesmos erros, quer no nível oral, quer ao nível da escrita.

IV. Reuniões de Departamento.

Os membros do Departamento reúnem-se sistematicamente ao longo do ano lectivo uma vez por semana e estas reuniões têm como objectivo principal a planificação dos trimestres e da resolução de todos os problemas que vão surgindo, tal como a questão das actividades extracurriculares.

V. A aquisição de competências na disciplina de *Lengua Castellana y Literatura*.

Como já foi referido anteriormente, o principal objectivo desta disciplina é o desenvolvimento da competência comunicativa por parte dos alunos. Com isto querer-se-á dizer, que estes terão de adquirir um conjunto de conhecimentos da língua espanhola e de procedimentos que lhes permitam interagir em diferentes âmbitos sociais.

Segundo o *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas*, as componentes desta competência baseiam-se nos aspectos linguísticos, sociolinguísticos e pragmáticos. No que toca à componente linguística, incluem-se nesta área o conhecimento dos diferentes níveis de língua. Por outro lado, na componente sociolinguística, que se refere às condições socioculturais de uso de uma determinada língua, podemos mencionar a diferença entre a linguagem coloquial e a linguagem literária.

Finalmente a componente pragmática, que está relacionada com o uso funcional dos recursos linguísticos, com a coesão e com a coerência do discurso e dos tipos de texto. Saber comunicar portanto em diferentes contextos, expressar as suas próprias ideias e ouvir as demais, usar a língua de forma coerente evitando o uso de estereótipos linguísticos são objectivos fundamentais da disciplina e da matéria.

VI. Avaliação diagnose

Realizada no início do ano lectivo, esta serve para saber em que ponto se encontram as aprendizagens dos alunos e desta forma conseguir ter uma maior e melhor percepção das suas lacunas. Esta recolha de dados permite encaminhar os docentes na busca de estratégias para superarem essas mesmas lacunas assim como consciencializar os alunos para as suas próprias dificuldades. (Segundo fontes do IEGR)

6. A TURMA COMO ELEMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR

A) O papel do Director de Turma (ESCCB)

Uma das características do cargo de Director de Turma, é a de servir de mediador entre o Conselho de Turma e os Encarregados de Educação, daí que segundo o Decreto regulamentar n.º 10/99 de 21 de Julho as competências do Director de Turma sejam as de: assegurar a articulação entre professores da turma e com os alunos, pais e encarregados de educação; promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos; coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de actividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação

concreta do grupo e à especificidade de cada aluno; articular as actividades da turma com os pais e encarregados de educação promovendo a sua participação; coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador e apresentar à direcção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

Neste sentido a minha prática não foi a de Director de Turma, já que essa tarefa coube à minha orientadora, mas sim a de auxiliar em situações mais concretas, como as de secretariar as reuniões de avaliação e intercalares.

B) O papel do Tutor (IEGR)

No que diz respeito ao papel do Tutor no sistema espanhol, este é bastante semelhante ao do director de Turma. Daí que as suas principais funções se baseiem numa dupla função.

- I. Coordenação da actividade educativa
- II. "Mediação" das relações: dentro do Instituto, como as relações do Instituto com a comunidade escolar.

O papel do professor tutor é portanto o de fazer a ligação das relações educativas e as suas funções dirigem-se a três tipos de destinatários: os alunos, os docentes e as famílias.

7. ACOMPANHAMENTO DO ALUNO NO ESPAÇO ESCOLAR

I. Gestão da Sala de Aula

A) ESCCB

Este ponto é sem dúvida um aspecto bastante importante para que todo o trabalho planificado previamente seja sério e com resultados visíveis, mas para isso há que haver ordem dentro da sala de aula. Como tal no início do ano lectivo convém explicar aos alunos quais os seus deveres, mas também quais os seus direitos, quer com o docente, quer com os seus próprios companheiros de trabalho.

Como sabemos a indisciplina é um dos grandes problemas da educação dos dias de hoje, daí que seja importante definir regras, e é nessa linha de pensamento que surge

a questão do Contrato Pedagógico (cf. Anexos pág.77), realizado entre Professor e Aluno, e que responsabiliza ambas as partes e ameniza essa situação.

O que pude observar na minha P.E.S., na ESCCB, foi que este é um método utilizado sempre no início do ano lectivo e que se torna bastante produtivo, pois os alunos sabem realmente o que podem e o que não podem fazer dentro do espaço da sala de aula. Se existiram problemas dessa índole, foram mínimos e prontamente resolvidos, por vezes a mera mudança de lugar por parte de um aluno demonstrou-se eficaz nessas situações.

Penso ser importante a ideia que o professor transmite nos primeiros dias de aulas e defendo que deve demonstrar um distanciamento discreto, pois facilitará o respeito mútuo. No entanto o docente deve saber manter o equilíbrio entre a dureza e a amabilidade e desta forma conseguir estar ao nível dos alunos, sem nunca recorrer a comportamentos mais “infantis” nem paternalismos exagerados.

O professor não deve ser visto como um “pai” ou uma “mãe”, mas sim como um exemplo de isenção, devendo sempre actuar de forma justa para com todo o grupo, porque todos nós já fomos alunos e nada mais fere um aluno que as injustiças. Para além deste factor o docente deve ser alguém atento ao ponto de identificar os obstáculos, sejam estes de qualquer índole, que possam interferir no processo de ensino e aprendizagem.

Estes são os aspectos que dizem respeito à questão da gestão da indisciplina, no entanto existem outros também importantes associados à gestão da sala de aula, como por exemplo o caso da motivação. Para que o processo de ensino e aprendizagem seja algo produtivo é necessário para além de termos alunos disciplinados, também termos discentes motivados, e para isso existem determinados aspectos a ter em conta, tais como adoptar um estilo de ensino mais cooperativo, em que todos se sentem úteis num mesmo objectivo, e não tanto individualista, pois poderá fomentar a competição entre os alunos, embora a competição seja algo positivo quando bem usada.

Desta forma e com um tipo de ensino mais cooperativo, através de grupos de trabalho por exemplo, o aluno assume um nível de autonomia maior e uma maior auto-estima, sendo que será importante sempre que possível adequar as tarefas a casos práticos consoante a faixa etária ou fase da vida dos alunos. Estes poderão desta forma ver uma utilidade naquilo que aprendem.

Foi nestes moldes que a questão da Gestão da Sala de Aula foi trabalhada na turma do 8ºA, sendo que os alunos têm de estar sempre ocupados, seja qual for o ponto

da matéria que está a ser tratado, pois nada favorece mais as questões de indisciplina e desorganização que o facto dos discentes não terem nada para fazer.

B) IEGR

Sempre com um acompanhamento bastante cuidado e preocupado, é assim que posso caracterizar o acompanhamento dos alunos dentro da sala de aula, pois só assim é possível evitar hipotéticos problemas de indisciplina. Tratando-se de grupos/turma bastante numerosos, aproximadamente 30 alunos, por vezes é difícil manter um clima ideal, no entanto pude constatar com as aulas da minha orientadora que nada é impossível, só temos é de ser perspicazes e conseguir motivar os alunos para que esses problemas não surjam. Sendo assim surge a questão: “Como motivar uma turma com 30 alunos e evitar determinados problemas de indisciplina?”. Creio ser bastante difícil esta situação de turmas numerosas, talvez o mais correcto fosse um limite máximo de 15/20 alunos por cada grupo para que o processo de ensino e aprendizagem fosse mais facilitado. Porém são estas as directrizes ministeriais e há que fazer de tudo para manter um ambiente motivador, quer para alunos, quer para nós professores. Pude constatar também que tratando-se de grupos com idades compreendidas entre os 13/16 anos, aproximadamente, a chamada idade das descobertas, que os alunos canalizam por vezes as seus interesses para assuntos extra-escolares, daí o professor ter de se adaptar também a essas situações e ir de encontro aos seus próprios interesses sem nunca renunciar ao seu objectivo de educar.

Para que as aulas sejam algo de interessante e motivador há que ser portanto criativo e não cair no erro de utilizar sempre a mesma estratégia, tornando-se assim repetitivo. Daí que as tarefas de carácter mais significativo se tornem mais interessantes para os alunos pois geram um nível de motivação maior. É portanto nestas bases que a gestão da sala de aula deve ser conduzida por forma a que o processo de ensino e aprendizagem seja algo mais fácil de levar a cabo, sendo que o professor é um guia que colabora na formação dos alunos e que lhes mostra o caminho, procurando que cada um encontre a sua própria maneira de aprender e a sua autonomia.

II. Metodologias: Tarefas e prolongamento do trabalho em casa.

A) ESCCB

Baseadas numa pedagogia centrada no aluno, em que este é o cerne de toda a actividade lectiva, as actividades programadas tinham o objectivo de que este pudesse aprender “fazendo”. Portanto uma das grandes preocupações da Professora Orientadora era o desenvolvimento das competências fundamentais, sobretudo a competência da escrita e da leitura. Ao longo da P.E.S. foi desenvolvido um enorme esforço nesse sentido através de inúmeras actividades tais como a criação de diversos contos, pequenas histórias e até livros de receitas. Se ao início houve alguma resistência, com o passar do tempo era visível o entusiasmo dos alunos que “enchiam” as caixas de correio electrónico com os seus trabalhos para que estes fossem vistos e trabalhados.

Outro aspecto que considero importante tendo em conta o objectivo de suprimir algumas lacunas evidenciadas, sobretudo ao nível da sintaxe e da morfologia, foram as aulas extra horário normal, que serviram como um apoio extremamente importante e que se revelaram bastante profícuas tendo em conta os resultados obtidos aquando das avaliações.

Para além de todo este trabalho, creio ser relevante referir o trabalho de pesquisa realizado em casa pelos alunos para o estudo de determinados autores e tipologias de texto. É benéfico para os discentes nestas faixas etárias cultivarem determinados aspectos relacionados com a cultura literária portuguesa, pois serão eles o futuro do país.

B) IEGR

Assente num planeamento cuidado e extremamente diversificado, é assim que posso classificar o trabalho realizado pela professora cooperante. Com uma metodologia que privilegia o aluno enquanto elemento fulcral no processo de ensino e aprendizagem, pude constatar nas minhas observações que a aula não termina no espaço físico da sala, há mais mundo para além desta.

As aulas são como que uma contínua experimentação, no entanto sem deixar de aplicar métodos tradicionais efectivos. Segundo a orientadora, esta gostaria de colocar em prática uma metodologia mais de acordo com a designada *Escuela 2.0* (metodologia baseada no uso das T.I.C.) e desenvolver os trabalhos dos alunos como forma de

projectos, mas tal de momento não é possível devido à falta de condições materiais e humanas no centro. Sendo assim a prática lectiva assenta na combinação de aulas mais tradicionais com outras formas mais participativas.

Sendo uma professora a 24 horas, tendo em conta os inúmeros canais de comunicação com os alunos a qualquer hora, esta procura alargar a tarefa de docente através de ferramentas colaborativas e colocar em prática tarefas de compromisso entre professor e o aluno recorrendo a diversos meios de informação como: blogs, google calendar, google doc, correio electrónico, vídeos, músicas e o recurso a ditados na tentativa de suprimir lacunas derivadas da confusão com a língua portuguesa. No entanto o recurso ao manual como método de trabalho é algo recorrente e imprescindível: tendo em conta a sua indiscutível qualidade, este funciona como um verdadeiro suporte da prática lectiva.

Para além de todos estes elementos há algo que considero bastante importante na aprendizagem de uma língua: o facto de os alunos terem um dossier onde os conteúdos programáticos são divididos em áreas, o que permite uma maior organização e um método mais eficaz para os próprios alunos. Estes tinham portanto o seu dossier dividido em Gramática; Língua; Cultura; Literatura.

8. RELAÇÃO PEDAGÓGICA

“Cada vez mais a eficácia do professor no processo de ensino/aprendizagem passa não apenas pelos seus conhecimentos específicos no plano dos conteúdos programáticos, mas também pelo seu sucesso no plano da relação pedagógica.”¹ Longe vão os tempos em que o processo de ensino/aprendizagem se resumia ao que o professor transmitia, isto é, a ideia de que o aluno teria de ouvir e aceitar tudo o que o seu docente lhe transmitia sem o pôr em causa, está completamente fora da esfera do ensino actual.

Hoje é tudo muito mais global, basta atendermos que quase todos os discentes têm acesso a meios de comunicação, o que faz com que a sua visão do mundo seja bastante diversificada, para além de que o papel do professor já não é o mesmo e está em constante mutação. É por isso e não só, que a relação pedagógica é cada vez mais

¹ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 5.

importante em todo o processo, afinal o principal papel do docente será o de formar cidadãos conscientes.

Quando se fala em relação pedagógica, não se remete para uma relação íntima de afectos, pois não será esse o papel do professor, o de substituir a família.

“As alterações ocorridas durante as últimas décadas na sociedade, em geral, e no sistema educativo, em particular, implicaram algumas mudanças na educação escolar e na profissão docente.”² Se todos nós somos um produto da sociedade que nos rodeia, também no ensino haverá transformações obrigatoriamente, basta pensar que muito recentemente se passou de um tipo de ensino em que as elites eram privilegiadas, para um ensino de massas em que a escola é vista como uma imposição ou um dever, o que provocará determinados comportamentos de desinteresse e indisciplina.

É neste sentido que os casos da ESCCB e do Instituto Espanhol são dois exemplos deste tipo de situações. Se por um lado temos uma escola pública em que o tipo de alunos é variadíssimo, funcionando como um centro educativo multicultural, por outro o Instituto pode ser visto como um estabelecimento de ensino de minorias devido às suas especificidades, sendo desta forma muito mais exclusivo.

Tendo em conta a especificidade da profissão de docente e sendo que “embora não haja “receitas” pedagógicas universais, aplicáveis com sucesso a todos os alunos e por todos os professores, pois a prática deve ser personalizada e situacional”³, poder-se-á afirmar que o professor terá sempre que adaptar a sua metodologia de ensino de acordo com o grupo de trabalho, pois não existem “dois alunos iguais” assim como não foi ainda criado um manual que possa orientar o trabalho do professor, para que este concretize com sucesso todo o processo de ensino e aprendizagem. Temos de nos adaptar aos nossos próprios alunos, afinal de contas são eles o elemento central de toda a questão. Certamente que será muito mais aliciante conseguir “transformar” um grupo que no início se apresenta como desinteressado e problemático, ou seja que quanto maior o desafio maior será a recompensa no final de todo o trabalho.

² JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 5.

³ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 6

“A relação pedagógica constitui um domínio particular do estabelecimento e desenvolvimento de relações interpessoais”⁴. Como já havia referido anteriormente, a relação pedagógica faz-se através da criação de relações. Esta não pode ser reduzida à questão da transmissão e da recepção de conhecimentos por parte de professores e alunos respectivamente, sobretudo em níveis mais básicos. Desta forma o docente terá que contribuir para um ambiente salutar dentro e fora do espaço de aula, para que a sua tarefa se torne mais fácil e para que os alunos também se sintam mais motivados. Daí que não podemos cair no erro de emitir determinados juízos de valor em relação aos nossos alunos, pois «“categorizar um aluno”, é condená-lo a resignar-se ou a revoltar-se»⁵. Assim sendo devemos sempre procurar potencializar o seu desenvolvimento pessoal e social criando um clima de confiança. Este clima no entanto não deve ser baseado no autoritarismo, “muitas vezes o autoritarismo e a distância são estratégias usadas pelos professores para criarem e manterem um clima de respeito na sala de aula”⁶, pois esta postura cultiva a distância pedagógica entre as partes e a consequente desmotivação. Tem que ser “cultivado” um clima de confiança entre as partes, porém sem nunca tomar o rumo da permissividade. É neste sentido que por exemplo os contratos pedagógicos celebrados entre as partes, em que todos se consciencializam dos seus deveres mas também dos seus direitos, são uma boa técnica. Esta situação pude presenciá-la na ESCCB e é de referir que os alunos, salvo raras exceções, foram tomando consciência do que podiam ou não fazer dentro da sala de aula. “O diálogo e a negociação parecem ser as vias mais adequadas para a resolução dos problemas na sala de aula.”⁷, e quer na ESCCB, quer no Instituto Espanhol, questões como o diálogo e a negociação permitiram resolver alguns mal-entendidos, ajudando na criação de um clima de respeito mútuo. É importante que o professor consiga discernir e avaliar todas as situações, recorrendo a todos os métodos, e a negociação e o diálogo são sem dúvida excelentes técnicas.

⁴ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 9

⁵ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 11

⁶ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 13

⁷ JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Colecção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa. p. 14

Portanto posso referir que em toda a minha Prática de Ensino Supervisionada, quer na ESCCB, quer no Instituto Espanhol, os eventuais conflitos ou problemas foram rapidamente resolvidos de uma forma sublime por parte dos docentes e sem que os alunos se sentissem injustiçados, porque é esse o sentimento que devemos evitar para que o nosso trabalho e o dos alunos seja profícuo.

9. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A) ESCCB

Numa base de cooperação mútua entre a orientadora e o mestrando, a minha P.E.S. foi desde início planificada de modo a que tudo corresse de acordo com o previsto. Planificar surge neste contexto como um “fio condutor” que nos orienta e auxilia na busca de um determinado objectivo, embora por vezes se tenha de fazer certos “desvios” nesse percurso. Ao longo de todo o ano lectivo foram realizadas vários tipos de planificações, desde as de curto prazo, passando pelas de médio prazo e acabando nas de longo prazo.

Nas planificações de longo prazo (cf. Anexos pág. 79-81), auxiliámo-nos das Orientações Curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação e procurámos dar uma perspectiva global dos temas e assuntos a desenvolver ao longo do ano lectivo. Para além de explicitar as competências que se pretende que os alunos adquiram, definimos o tempo dado a cada Unidade ou tema a abordar.

No que toca às planificações de médio prazo, (cf. Anexos pág. 82-86) estas foram realizadas tendo em conta as diferentes sequências e também segundo as diferentes tipologias de texto, que seriam abordadas ao longo do ano lectivo. De uma forma mais detalhada procurou-se definir e estabelecer quais os pontos que seriam abordados, sobretudo no que diz respeito ao Tempo dispendido em cada uma, às Competências específicas que seriam desenvolvidas, ao processo de Operacionalização das actividades, a sua Avaliação e os Materiais a utilizar.

Tendo em conta uma sequência lógica de trabalho, foram desenvolvidos ao longo de toda a minha prática lectiva inúmeras planificações de curto prazo (planos de aula: cf. Anexos pág. 87-98), que serviram como suporte às actividades a desenvolver. O que pude constatar nesta situação de prática lectiva propriamente dita, foi que a

planificação de uma aula é um elemento bastante importante para um desenvolvimento eficaz de determinado ponto do programa que pretendemos levar a cabo. A planificação e preparação de aulas funciona também como uma estratégia de gestão prévia à condução das actividades na sala de aula. Daí que uma boa planificação e programação favoreça a relação com os alunos não devendo nunca confiar-se na improvisação.

Para além das planificações, outra tarefa que tive a meu cargo foi a da realização de provas escritas (cf. Anexos pág.71-76). Tendo em conta as orientações da professora cooperante, as provas deveriam ter como base o modelo de exame nacional de 9º ano, para que os alunos se fossem familiarizando com uma nova estrutura de prova. Este tipo de avaliação teria sempre obrigatoriamente dois textos de análise, em que um seria totalmente desconhecido para os alunos e outro seria relacionado com a obra que estivesse a ser leccionada. Apesar desta nova tipologia de teste a receptividade foi grande e não houve grandes problemas por parte dos alunos em assimilarem estas novas ideias, como se comprovou nas avaliações.

Sendo que a minha P.E.S. não se resumiu à planificação e à elaboração de testes, visto as aulas terem funcionado desde o início em regime de cooperação, é de referir que inúmeras actividades foram desenvolvidas durante o ano lectivo como são descritas anteriormente.

Posso concluir que em todo o período que durou, do início do ano lectivo até à última reunião de avaliação, a P.E.S. foi uma experiência extremamente enriquecedora quer a nível pessoal, quer a nível profissional, em que o excelente ambiente revelado entre todos os intervenientes tornou a tarefa muito mais fácil e agradável.

B) IEGR

Apesar do sistema de cooperação ter sido bastante distinto em relação à P.E.S. na área de Português, devo dizer que a experiência foi bastante enriquecedora.

A minha P.E.S. no Instituto Espanhol, resumiu-se à observação das aulas da minha professora cooperante, à participação em actividades desenvolvidas com os grupos de trabalho e à planificação (cf. Anexos pág. 99-121) de algumas aulas e sua leccionação. Pese embora algumas dificuldades encontradas, pois teria de preparar actividades para alunos que tinham a Língua Espanhola como Língua Materna, o apoio dado por parte da orientadora foi essencial para que essas mesmas dificuldades pudessem ser ultrapassadas.

Descrevendo um pouco as aulas que ministrei ao 2º Grupo da ESO, o equivalente ao 8º ano do percurso português, estas incidiram como as planificações o comprovam em aspectos que podem ser úteis no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira, pois abordaram a questão das Línguas em Espanha. Para além das questões linguísticas estas aulas serviram para abordar e realçar determinados aspectos da cultura espanhola, desconhecidos apesar de tudo para a maioria dos alunos.

De realçar a aceitação que os discentes revelaram desde o início no que toca à presença de um elemento estranho às suas aulas, aspecto que permitiu desde logo um bom ambiente de trabalho e uma motivação extra para todos.

Para além das aulas que abordavam a temática do panorama linguístico espanhol, ministrei também 2 aulas que tinham como pano de fundo a questão do cinema. Nestas aulas procurei rever um pouco a verdadeira história da denominada Sétima Arte, desde os seus primórdios, aos dias de hoje, nunca esquecendo o panorama do cinema espanhol.

É de referir que em todas as minhas aulas recorri às novas tecnologias, sobretudo o uso de Powerpoint's e à visualização de pequenos vídeos, como forma de motivar e cativar os alunos para a matéria a desenvolver.

Tratando-se de um tipo de Prática Lectiva diferente do habitual, pois as aulas e as actividades teriam de ser preparadas para alunos em que a Língua é considerada “Materna”, tratou-se de uma “prova de fogo” que me será bastante útil quer a nível pessoal quer a nível profissional.

10. ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Pese o facto da minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) não se ter realizado segundo o normal, neste tipo de situações, penso que existem determinados aspectos que acho importante referir e ponderar, no que ao ensino de Espanhol como Língua Estrangeira diz respeito.

Algo que me parece bastante importante na aprendizagem de uma língua de iniciação é a razão da escolha da Língua Espanhola pelos alunos. Dessa forma o primeiro dia de aulas serve como um ponto de referência e de partida para que o trabalho se possa desenvolver de forma profícua, quer para alunos, quer para docentes.

Temos portanto de saber as razões que levam os educandos a tomarem determinada opção, e o que esperam quer da disciplina quer de nós professores, de modo a que exista um conhecimento mais profundo do grupo de trabalho.

⁸“El aprendizaje de una lengua, y ahora no nos referimos a la materna - como cualquier otra materia, es un proceso que tiene lugar de forma individual y, por lo tanto, diferente en cada persona”.

Tendo em conta que existem diversos modos de aprendizagem por parte dos alunos, pois todos são diferentes e com as suas características específicas, o professor terá dessa forma de se adaptar também ao grupo, para que o método de ensino coincida com o de aprendizagem. Há que ter em atenção portanto, que os alunos têm diferentes gostos no que diz respeito à forma como aprendem determinadas disciplinas, uns há que preferem de forma oral e aplicarem os seus conhecimentos desde o primeiro dia, enquanto outros preferem adquirir regras e vocabulário antes de colocarem em prática. É por este tipo de variedades que o professor terá de ter em atenção todas as especificidades dos alunos, adoptando assim métodos de trabalho variados que permitam atingir os seus alunos.

Um aspecto extremamente importante, quer no ensino das línguas estrangeiras, quer em qualquer outra disciplina, é a questão da motivação. Se atendermos portanto que no mesmo grupo de trabalho existem diferentes razões para a escolha da Língua Espanhola, podemos desta forma afirmar que haverá também uma diversidade imensa de motivações para a aprendizagem desta mesma língua. Desde logo o papel do professor é extremamente importante, pois dele depende proporcionar ou não a motivação dos alunos através da escolha de determinadas matérias e temas. Desta forma a questão da motivação deve ser algo partilhado por todos os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem.

No caso do professor, para que se crie um ambiente motivador, terá de encontrar temas que sejam do interesse dos alunos, adaptar a sua metodologia à forma de aprendizagem dos alunos, assim como explicar o objectivo das actividades e comentar o seu evoluir. Criar um ambiente positivo será portanto um processo em que o erro não poderá ser visto de forma negativa, pois caso contrário o aluno poderá perder o interesse nas actividades, nos temas e nos conteúdos.

⁸ ALONSO, Encina (1994) *¿Cómo ser profesor/a y seguir siéndolo?* Colección Investigación Didáctica. Madrid, Edelsa.

Um factor que normalmente é esquecido e não é tido em conta na questão da motivação é o da Sala de Aula. No que diz respeito ao ensino de Espanhol como Língua Estrangeira será importante desde o primeiro momento, familiarizar os próprios alunos com referências à hispanidade através de cartazes, mapas, etc. A Sala de trabalho terá de funcionar como um elemento metodológico para que os alunos se sintam motivados também no seu espaço de trabalho.

Aspecto essencial na aprendizagem de uma língua estrangeira, caso do Espanhol, e na consequente autonomia dos alunos, é a questão das *Competencias* e das *Destrezas*. Será deveras importante que o aluno seja consciente de determinadas questões para que a sua aprendizagem seja satisfatória. Daí que este deverá ter sempre presente:

- *Porquê aprendo Espanhol?*
- *O que quero aprender?*
- *De que forma aprendo melhor?*
- *Quanto aprendi do que estudei?*

Estas interrogações servem como objecto de trabalho por parte do professor, que poderá desta forma orientar o seu método de trabalho mais eficazmente no desenvolvimento das 4 *Destrezas* fundamentais da aprendizagem da Língua Espanhola, a saber:

- ✓ Comprensión Oral
- ✓ Comprensión Lectora
- ✓ Expresión Escrita
- ✓ Expresión Oral

Pode-se considerar que a aprendizagem da Língua Espanhola neste momento se regula em parte numa aprendizagem mais centrada no aluno, um pouco em oposição ao denominado Método Tradicional, em que o aluno é um mero “consumidor”, passivo de conhecimentos eleitos pelo seu professor. Passamos portanto para uma fase em que o papel principal do processo de ensino e aprendizagem é dado ao aluno. Este é o centro de todas as considerações didácticas e todos os materiais são realizados para que o aluno desenvolva a sua própria autonomia. É nesta linha de pensamento que surge então a

aprendizagem mediante *Tareas*, considerado o futuro do ensino das Línguas Estrangeiras. É de referir que este processo se caracteriza por uma tentativa de integração de 4 aspectos fundamentais do ensino:

- ❖ Objectivos
- ❖ Conteúdos
- ❖ Metodologia
- ❖ Avaliação

Tendo em conta estes aspectos o aluno sabe à partida que o seu trabalho terá uma razão de ser e todo o processo tornar-se-á bastante mais claro para todos os intervenientes.

11. BALANÇO FINAL: COMO É SER PROFESSOR NOS DOIS SISTEMAS

Pontos fortes e pontos fracos.

A) ESCCB

Sendo que é sempre difícil caracterizar o papel do professor, creio que o trabalho desenvolvido na ESCCB é algo de especial tendo em conta o ambiente multicultural que rodeia esta instituição. Muito embora a ESCCB não esteja no topo dos rankings nacionais, isso não significa que não haja uma dinâmica de responsabilidade e de trabalho por parte dos docentes no intuito de cumprirem a sua missão de educar adolescentes e jovens das mais diversas nacionalidades e classes sociais nunca esquecendo portanto a formação para a cidadania.

Para além de uma orientação pedagógica construtiva, ser professor na ESCCB é ser alguém que procura as melhores soluções, diagnostica os problemas e formula hipóteses de trabalho que desenvolve posteriormente. O professor tem autonomia suficiente para escolher os seus próprios materiais e põe em prática as suas próprias experiências, como tentativa de uma melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Isto tudo só é possível com um enorme suporte por parte de todos os elementos directivos e ao nível do departamento de línguas, que têm um papel preponderante em todo este processo, pois por vezes não é simples tendo em conta as contingências

ministeriais e até motivacionais, isto no que toca aos alunos. Hoje a maioria dos alunos apresenta um nível de motivação muito baixo, e que se vai arrastando ao longo dos anos, mas pese embora esse factor, o trabalho realizado é de realçar.

Embora limitada a nível de infra-estruturas e de material de apoio, aspecto que está em vias de ser ultrapassado com a remodelação escolar no âmbito do projecto de modernização escolar, a ESCCB pode orgulhar-se do seu grupo docente e de todos aqueles que tornam a “arte de educar” mais simples.

B) IEGR

O serviço de docência é assegurado por professores das mais variadas comunidades, não há portanto o professor espanhol, mas sim aquele que vem da Galiza, Extremadura, Madrid, etc. Isto demonstra um pouco a imagem do professorado desta instituição. Pese embora esta diferenciação, que demonstra a realidade cultural espanhola, o ambiente entre todos docentes é dos melhores que sendo habitual nas pausas durante a manhã verdadeiras reuniões onde se confraterniza e se discute de tudo um pouco.

Para além deste aspecto, existe algo que caracteriza bem a cultura espanhola e que demonstra uma enorme relação de proximidade, que é o facto de todos se tratarem pelo primeiro nome, quer sejam professores, quer sejam alunos. Demonstra portanto o bom ambiente existente no seio do IEGR.

De facto as pausas, uma a meio da manhã e outra a meio da tarde, de cerca de 30 minutos, são um testemunho importante da cumplicidade entre a língua espanhola e a língua portuguesa neste centro, é como se andassem de mãos dadas. É possível portanto observar os discentes discutirem e falarem entre eles quer em português quer em espanhol.

Algo que posso considerar que pode ser por vezes um pouco desfavorável, são as aulas de apenas 50 minutos, porque ao contrário do sistema português, não existem blocos de 90 minutos. Considero que é por vezes desfavorável, porque em determinadas ocasiões verifiquei que o tempo de aula é escasso, no entanto em outras situações esses mesmos 50 minutos parecem demasiado devido à pouca motivação, e à constante agitação, demonstradas pelos alunos.

Um aspecto bastante diferente nesta visão sobre os dois sistemas de ensino é o apoio dado pela direcção. Neste caso não me apercebi de uma grande disponibilidade por parte desta, penso que talvez pelo facto dessa ligação ser feita através do Jefe de Estudios. No

entanto não creio que seja algo que condicione o trabalho desenvolvido pelos docentes. Este trabalho é baseado numa planificação exaustiva já que semanalmente todos os departamentos se reúnem para debaterem ideias e construírem estratégias no intuito de melhorarem determinados aspectos.

12. CONCLUSÃO

Com a descrição destas duas instituições educativas creio ter dado uma noção verdadeira do seu funcionamento de uma forma global, e que poderá servir de base à minha prática lectiva futura, embora os processos pedagógicos sejam diferentes numa e noutra.

Fazendo uma reflexão do que foi a minha P.E.S., considero que esta me permitiu desenvolver um trabalho positivo e enriquecedor, quer a nível pessoal graças ao ambiente que encontrei, quer a nível profissional, pois no exercício da P.E.S. retirei aprendizagens concretas que me serão úteis, se atendermos por exemplo aos materiais didácticos criados, quer num, quer noutro sistema de ensino, assim como a todas as actividades extra sala de aula e extra ensino da Língua.

Tendo em conta as características das duas instituições de ensino, creio ser perceptível que estas influenciam bastante o aproveitamento dos alunos, porém não são o único factor, pois as bases devem ser construídas ao longo de todo o percurso escolar, seja este numa escola pública ou privada.

Embora a opinião pública considere que o ensino privado é sinónimo de bom aproveitamento e excelentes condições, algo que de facto pude constatar no IEGR, não significa que no ensino público, e concretamente na ESCCB, não existam as mesmas condições e alunos que revelam um sentido de responsabilidade também grande que se reflecte no seu aproveitamento.

Considero portanto que não existe uma diferenciação tão grande entre as duas instituições no que toca ao seu funcionamento global, são sim duas realidades culturais e dois universos de alunos bastante peculiares e isso tem obrigatoriamente influência na forma de agir e de pensar das pessoas que nelas desenvolvem o seu trabalho.

Posso concluir portanto que boas condições de trabalho são um elemento bastante motivador, quer para discentes, quer para docentes, porém não são tudo, e grande parte do sucesso provém do trabalho diário de todos os intervenientes. Nesta linha de pensamento há que referir o apoio e o esforço que as entidades governamentais

espanholas têm desenvolvido ao longo dos anos na divulgação da língua e da cultura espanholas. Essa mesma divulgação e defesa da Língua Espanhola e das suas variantes está presente bastante cedo se atendermos ao facto de alunos de uma faixa etária bastante jovem terem contacto com as diversas realidades linguísticas, o que pressupõe a ideia de uma maior exigência nesse campo.

Para finalizar creio que numa altura em que as T.I.C. são um tema que está muito em voga, estas não são sinónimo de bons resultados por parte dos discentes, talvez sim num nível de ensino mais básico e numa faixa etária igualmente menor.

Bibliografia:

- AA. VV. (2009) *A Autonomia nas Escolas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ALMEIDA, Ana Nunes de & VIEIRA, Maria Manuel (2006) *A Escola em Portugal. Novos Olhares, Outros Cenários*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- ALONSO, Encina (1994) *¿Cómo ser profesor/a y seguir siéndolo?* Colección Investigación Didáctica. Madrid, Edelsa.
- ALVES, José Matias (2000) *O primeiro de todos os ofícios*. Porto, Edições Asa.
- Associação de Professores de Português (1999) *Português, Propostas para o Futuro*. 3º Encontro Nacional da APP. Lisboa, A.P.P.
- CAÑA, José (2000) “Hablamos Juntos, Guía didáctica para practicar la expresión oral en el aula” Barcelona, Ediciones Octaedro.
- CARDOSO, Ana Paula (2003). *A receptividade à mudança e à inovação pedagógica. O professor e o contexto escolar*. Porto: Edições Asa.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto, Edições Asa.
- CORREIA, José Alberto (2001) *As Ideologias Educativas em Portugal nos últimos 25 anos*. Porto, Edições Asa
- CUNHA, Adérito (2001) *A Avaliação da Aprendizagem dos Alunos do Ensino Básico*. Porto, Edições Asa.
- DIEZ, Juan José (1989) *Família-Escola, uma relação vital*. Porto, Porto Editora.
- ESTÊVÃO, Carlos V. (2002) *Globalização, Metáforas Organizacionais e Mudança Educacional. Dilemas e Desafios*. Porto, Edições Asa.
- GARCÍA, Concha Moreno (2004) *La Enseñanza del Español como Lengua Extranjera en Contexto Escolar: Un Enfoque Intercultural de la Enseñanza de la Lengua*. Madrid, La Catarata.
- JESUS, Saúl Neves de (2003) *Influência do Professor sobre os Alunos*. Porto, Coleção Cadernos Pedagógicos, Edições Asa.
- JUSTINO, David (2005) *No silêncio somos todos iguais*. Lisboa, Gradiva.

- LOMAS, Carlos y SZODO, Andres Senlle (1995) *El Enfoque Comunicativo de la Enseñanza de la Lengua*. Barcelona, Paidós Iberica.
- LOUREIRO, Carlos (2001) *A docência como profissão. Culturas dos professores e a (in)diferenciação profissional*. Porto, Edições Asa.
- NÓVOA, António (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa, Educa.
- PAIVA, João (2007) *O fascínio de ser professor*. Texto Editora

Sites utilizados:

- Instituto Español Giner de Los Ríos

<http://www.educacion.es/exteriores/centros/ginerdelosrios/es/home/index.shtml>

- Escola Secundária Camilo Castelo Branco

http://aprende.malha.net/escsb/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1

- Junta de freguesia de Carnaxide

<http://www.jf-carnaxide.pt/>

Blogues de referência

<http://www.planetaki.com/ginerdelosrioslisboa#1278672896/0/start>

<http://yaestamosensecundaria.wordpress.com/>

<http://segundodelaeso.wordpress.com/>

<http://tercerodelaeso.wordpress.com/>

ANEXOS



(foto 1)



(foto 2)



(foto 3)



(foto 4)



(foto 5)



(foto 6)



(foto 7)



(foto 8)



(foto 9)



(foto 10)



(foto 11)



(foto 12)



(foto 13)



(foto 14)



(foto 15)



(foto 16)



(foto 17)



(foto 18)



(foto 19)



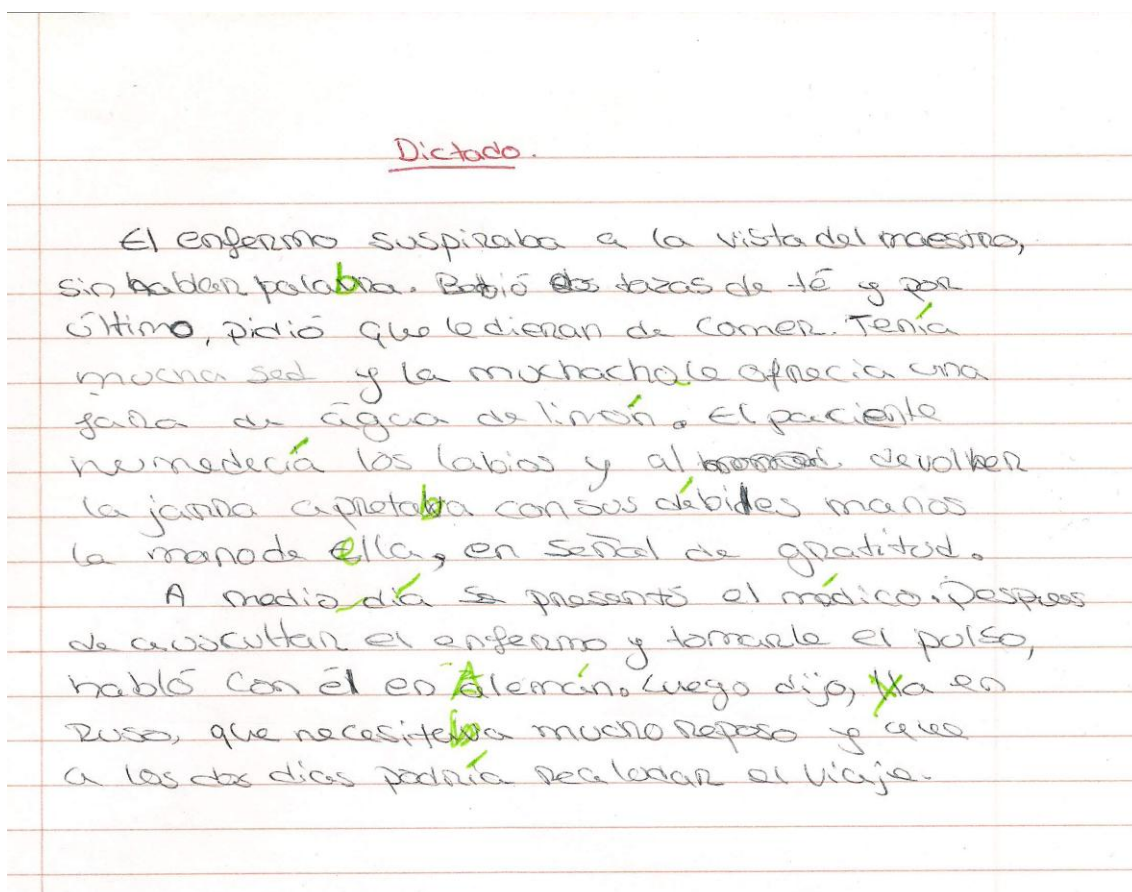
(foto 20)

O que aprendi sobre o mar/ o Tejo

Esta visita foi a concretização de um sonho: andar de barco. Do que mais gostei foi do seu baloiçar, das ondas e de sentir a brisa suave a bater-me no rosto. Também gostei muito de guiar o barco “20º para estibordo”.

Com esta visita de estudo aprendi que o porto de Lisboa é considerado por todos os outros países seguro, uma vez que os viajantes e as mercadorias de todos os navios são revistados; o que facilita a paragem de muitos navios na nossa costa, quer para troca de mercadorias quer para compra de novas provisões e que a Torre VTS controla o tráfego marítimo, ou seja, os navios e a entrada de navios suspeitos de terrorismo no nosso país. Devo pois concluir que gostei e aprendi muito com esta visita de estudo.

Salomé Castro (8ºA).



Exercício na forma de ditado, realizado no grupo 2º A da ESO, no IEGR.

Aserejé de la Sintaxis

- Mira lo que se avecina a la vuelta de la esquina:

vamos a ver las **funciones**. Tengo la piel de gallina,
no quiero esta disciplina, paso de las oraciones.

- Pero nos ha dicho la profe que es muy fácil darle caña
poseídos por el ritmo de la lengua:

practicando cada día el análisis sintáctico,
el sujeto y predicado y cuatro reglas,

- ¿Analizo?

- Sí, ahora, ¡empezamos!:

Aprende de una vez la fórmula sencilla, sin complicaciones: **sujeto y predicado** forman una oración. Olvídate ué, ué, de preguntarle al verbo (que nunca responde) que quién es el sujeto de una oración. En cambio lo será cuando haya **concordancia** entre verbo y sujeto, me pongo colorao de tanta “emoción.”

No es cosa de brujería analizar cada día

muy variadas oraciones. Es muy fácil, es sencillo,
aprende esta sinfonía y no tendrás sofocones

Para verbos **copulativos** “ser” y “estar” y “parecer”
has de saber reconocer sin confusiones

Mira el verbo, no es el núcleo: es **cópula y atributo**...

Comprueba esto con estas **sustituciones**

“Pepe es guapo”, “Pepa es guapa”: sí **LO** es...

Aprende de una vez la fórmula sencilla, sin complicaciones: sujeto y predicado forman una oración. Olvídate ué, ué, de preguntarle al verbo (que nunca responde) que quién es el sujeto de una oración.

En cambio lo será cuando haya concordancia entre verbo y sujeto, me pongo colorao de tanta “emoción”.

Vamos a progresar: veamos otros verbos, los **predicativos**, que son muchos y forman **predicado verbal**

El **núcleo** el verbo es, y lleva **complementos**, los que tú quieras muy fáciles y simples de reconocer los principales son **directo** e **indirecto**, **complemento agente**, **también predicativo** y **circunstancial**

Analiza **complementos** de las líneas anteriores

haciendo **sustituciones**. No es difícil, mira esto:

“Periquín tiene una hermana”: **LA** es **complemento directo**.

Sigue aplicando estas medidas para no tener errores.

No lo olvides: **LE** o **LES** es **indirecto**.

Pero nunca nos iremos sin decir lo principal

¿qué pasa con el **circunstancial**?

Preguntamos: ¿cuando, cómo, por qué y dónde?

Aprende de una vez la fórmula sencilla, sin complicaciones: sujeto y predicado forman una oración

Olvídate ué, ué, de preguntarle al verbo (que nunca responde) que quién es el sujeto de una oración

En cambio lo será cuando haya concordancia entre verbo y sujeto, me pongo colorao de tanta “emoción”

Esta originalísima letra es obra y gracia de Carmen Rojas

http://www.ivoox.com/asereje-sintaxis-audios-mp3_rf_230760_1.html



Nome: _____ Nº _____ Turma: _____

Classificação: _____ O professor: _____

Grupo I

Lê atentamente o texto que se segue.

A borbulha

Passei esta noite acordado por causa da barulheira que esta vida faz: motores, zumbidos, murmúrios, gemidos de prazer e gritos de dor. Isto é mentira. Passei a noite acordado por causa da rapariga ruiva da minha escola. Estão a ver... É uma paixão! Não que eu quisesse. Aconteceu-me. E logo a mim, que sou dado a exageros. Se eu soubesse desamar... Mas quem é que sabe? Não há um rapaz da escola que não goste dela, embora alguns não queiram que se saiba.

Por isso a escolheram para entregar o prémio ao vencedor da corrida do fim de ano. Antes disso, só havia dois rapazes inscritos e a prova chegou a estar em risco. Depois, já eram tantos a querer correr que tiveram de encerrar as inscrições à pressa. Nem oito nem oitenta, disseram eles.

O meu lugar na linha de partida estava garantido, o problema era chegar ao fim antes dos outros. Sou um rapaz franzino que escreve versos e histórias enquanto os outros jogam à bola e sobem às árvores. Numa corrida rápida, de velocidade, teria, as minhas hipóteses, mas dar cinco voltas ao recinto enlameado da escola era mais apropriado para o Mário e o Xavier, por exemplo, que praticavam vários desportos e eram desses rapazes fortes e musculados, sem miolo nenhum, que as raparigas admiram.

No entanto, e fosse pelo que fosse, tinha grandes esperanças. Se todos os rapazes iam correr por amor, correria mais quem amasse a rapariga ruiva, pensei eu já ao fim da noite. Já não sabia se tinha sonhado ou imaginado que o amor ia pôr asas nos meus pés e ajudar-me a ganhar aquela corrida. Depois, recebia das mãos dela a salva de prata com a data do meu feito gravada ao centro, enquanto ela sorria para mim, só para mim, e eu decidia abandonar tudo, até a minha mãe. Mais tarde, durante o almoço de encerramento do ano lectivo, passeava orgulhosamente ao lado dela pelo meio dos outros rapazes e raparigas e depois voltávamos as costas aos outros todos e caminhávamos para mais longe. De mãos dadas, sem trocar palavras, eu e a rapariga ruiva atravessávamos o campo de jogos e chegávamos ao jardim secreto, um pedacinho de mundo que só os jovens namorados da escola conheciam. Ela voltava a sorrir e eu ganhava coragem para lhe contar que era eu quem lhe escrevia as

cartas de amor e os poemas que o Nuno e o Filipe lhe mandavam. Eles não sabiam escrever dessas coisas e eu não sabia que fazer às palavras de amor que me assaltavam todas as horas. Depois, ela dizia qualquer coisa que eu não percebia, talvez por o ter dito muito baixinho, e trocávamos um beijo apaixonado enquanto o sol caía no céu.

Era um belo sonho, mas era apenas um sonho ou mais uma imaginação das minhas. Os primeiros raios de sol trouxeram-me a realidade e uma forte comichão no nariz. Saltei da cama, corri para o espelho e lá estava ela, a maldita borbulha. Larguei um grito tão aflitivo que a minha mãe também veio a correr. Pensava que me tinha acontecido alguma desgraça. E tinha. Querem maior desgraça que a minha?

- Ora, rapaz, é só uma borbulha – disse ela, aliviada.

- Achas pouco? – gritei revoltado. – Querias que fosse uma tromba de elefante, ou que me crescesse um chouriço no nariz?

A minha mãe pôs-se a sacudir os lençóis da cama, como se nada se passasse:

- É de estares a crescer. É natural.

- É natural estar sempre a crescer? Todos os dias cresço? Olha para ti. Estás sempre na mesma.

- Isso é o que tu dizes. Basta lembrares-te de que ainda há pouco tempo – vá lá, há uns bons anitos – era uma rapariga da tua idade que acordou de manhã com uma borbulha inofensiva no nariz.

- Mas não era um dia importante para ti...

- Era sim. Por isso é que me lembro dele. Foi o dia em que conheci um rapaz que seria o teu pai. Uma borbulha não nos impede de nada, é uma coisa pequena, sem importância. Se te esqueceres de que a tens, ela torna-se tão insignificante que ninguém dá por ela. Nem tu.

As mães mentem com quantos dentes têm na boca. Fazem isso para nos protegerem, mas fazem-no; qualquer rapaz avisado sabe disso.

- És novo, filho. Tens de alargar, crescer, mudar.

- Talvez – disse eu. – Mas não está certo. Um rapaz porque está a crescer, nunca é o que é, está sempre a caminho do que vai ser. Como se quisesse fugir de si mesmo.

Álvaro Magalhães, *Hipóptimos*.

A - Selecciona a resposta mais completa e correcta das seguintes opções:

1. A personagem principal teve uma noite de insónias porque:

- a) Estava doente.
 - b) Estava preocupado porque tinha um teste.
 - c) Havia barulho da rua.
 - d) Estava preocupado com os seus sentimentos.
2. O rapaz ia correr porque:
- a) era campeão de atletismo.
 - b) para melhorar a nota a Educação Física.
 - c) gostava de atletismo.
 - d) queria mostrar que era forte.
3. As raparigas daquela turma valorizavam os colegas que:
- a) eram ajuizados, sabiam escrever e fazer versos.
 - b) ganhavam mais prémios de atletismo.
 - c) eram mais corpulentos.
 - d) eram os mais musculados e sem juízo.
4. O rapaz tinha um sonho:
- a) ganhar a corrida.
 - b) Ir para o ginásio
 - c) Tornar-se campeão de atletismo.
 - d) Vencer a prova pela força do seu sentimento.
5. A mãe do rapaz era:
- a. despreocupada
 - b. desinteressada
 - c. liberal
 - d. consciente

B - Após leitura atenta do texto responde de forma completa às perguntas seguintes:

- 1. O texto apresenta um narrador.
Identifica-o e classifica-o quanto à participação?
- 2. Ao longo do excerto encontras várias personagens.
Classifica-as quanto à concepção.
- 3. Indica os modos de expressão presentes no texto.

4. No excerto fala-se sobre o estado de paixão. Concordas com a ideia apresentada? A paixão acontece ou faz-se acontecer? Justifica a tua opinião.
5. O grau de importância dado ao problema pelo rapaz, é sentido pela mãe da mesma forma? Justifica a tua resposta.
6. Repara na afirmação:

“Um rapaz porque está a crescer, nunca é o que é, está sempre a caminho do que vai ser. Como se quisesse fugir de si mesmo.”

Traduz por palavras tuas o sentido nela contido.

GRUPO II

Lê o texto com atenção e responde depois ao questionário de forma clara e completa:



«No entanto, foi a propósito de um cozinhado que Robinson e Sexta-Feira discutiram pela primeira vez. Antigamente — antes da explosão — nunca podia haver discussões entre ambos. Robinson era o amo. Sexta-Feira não podia deixar de obedecer. Robinson podia repreender, ou mesmo bater em Sexta-Feira. Agora, porém, Sexta-Feira era livre.

Igual a Robinson. Podiam, portanto, zangar-se um com o outro.

Foi o que aconteceu quando Sexta-Feira cozinhou numa grande concha rodelas de serpente com uma guarnição de gafanhotos. Havia vários dias, de resto, que irritava Robinson. Nada é mais perigoso do que a irritação quando se é forçado a viver sozinho com outra pessoa. Na véspera Robinson tivera uma indigestão de filetes de tartaruga com mirtilos. E Sexta-Feira punha-lhe agora debaixo do nariz um fricassé de pitão com insectos! Robinson sentiu um vômito e, com um pontapé, atirou com a grande concha para a areia, de mistura com o conteúdo. Sexta-Feira, furioso, apanhou-a e brandiu-a por cima da cabeça de Robinson.

Iriam os dois amigos bater-se? Não! Sexta-Feira desapareceu.

Duas horas depois, Robinson viu-o voltar arrastando atrás de si, sem cuidado nenhum, uma espécie de manequim. A cabeça era feita com um coco, as pernas e os braços de hastes de bambu. Mas, além disso, estava vestido com velhas roupas de Robinson, como um espantalho para pardais. No coco, em cima do qual pusera um chapéu de marinheiro, Sexta-Feira desenhara as feições do amigo. Colocou o manequim de pé, junto de Robinson

- Apresento-te Robinson Crusoe, governador da ilha de Speranza — disse-lhe.

Apanhou depois a concha suja e vazia, que ainda ali estava, e, com um rugido, quebrou-a em cima do coco, que caiu, no meio das hastes de bambu partidas. A seguir, Sexta-Feira desatou a rir e foi abraçar Robinson. Este compreendeu a lição contida nesta estranha comédia. Num dia em que Sexta-Feira comia grandes vermes de palmeira vivos, enrolados com ovos de formigas, Robinson, desesperado, foi até à praia. Esculpiu na areia molhada uma espécie de estátua deitada de barriga para baixo e com uma cabeça cujos cabelos eram algas. Não se via o rosto, escondido sob o braço dobrado, mas o corpo escuro e nu assemelhava-se ao de Sexta-Feira. Mal Robinson tinha acabado a sua obra, apareceu o índio, com a boca ainda cheia de vermes de palmeira.

- Apresento-te Sexta-Feira, o comedor de serpentes e vermes — disse-lhe Robinson, mostrando a estátua de areia.

Arrancou depois um ramo de aveleira, que limpou de ramagens e folhas, e pôs-se a chicotear as costas e as nádegas do Sexta-Feira de areia, que fabricara com esse objectivo.

A partir daí, passaram a ser quatro a viver na ilha. Havia o verdadeiro Robinson e o boneco Robinson, o verdadeiro Sexta-Feira e a estátua de Sexta-Feira, e todo o mal que os dois amigos podiam fazer um ao outro — as injúrias, as pancadas, as zangas — faziam-no à cópia do outro. Entre si só trocavam amabilidades.»

Michel Tournier, Sexta-Feira ou a Vida Selvagem, Ed. Presença

1. O Sexta-Feira encontra-se numa ilha muito evoluída. Infere da veracidade da pergunta. Justifica a tua resposta.
2. Localiza o excerto na estrutura global da obra, justificando devidamente a tua resposta.
3. Qual a causa directa da explosão?
4. Sexta-Feira teve um comportamento irresponsável? Justifica a tua resposta.
5. A explosão é um marco importante na relação dos dois. Comenta a afirmação.

GRUPO III

1. Indica os recursos de estilo que encontras nas frases seguintes, justificando a tua resposta:

1.1. “Antes da explosão, Robinson mandava Sexta-feira cozinhar tal como aprendera no seio da sua família (...)”

1.2. “Era a maneira mais simples e divertida de cozinhar (...)”

2. Transcreve do texto:

2.1. Um determinante indefinido;



2.2. Um adjetivo;

2.3. Uma preposição;

2.4. Um pronome pessoal;

2.5. Um advérbio.

3. Divide e classifica as frases orações:

3.1. "Se Robinson não fosse uma pessoa bondosa, não o teria salvo quando o viu em perigo."

3.2 Analisa a oração: Robinson, bondoso, era defensor dos seres vivos.

4- Exercício de identificação verbal.

Identifica os verbos a negrito das seguintes frases quanto ao modo e ao tempo.

Frase	Modo	Tempo
Parto cedo todos os dias.		
Gostaria muito de que regressasses.		
No próximo Domingo vou a tua casa.		
Quando eu aparecia , ele escondia-se.		
Já partira quando o recado chegou.		
Chegará quando forem duas horas.		

GRUPO V

O conto «A Saga» e a obra *Sexta-Feira ou a Vida Selvagem*, têm em comum o tema do mar e os problemas a ele inerentes.

Numa composição cuidada de 130 palavras fala sobre o significado para ti o mar.



Contrato Pedagógico

Aos _____ dias do mês de _____ de dois mil e _____, a professora Conceição Vicente, e os alunos do _____ ano da turma _____ da Escola Secundária Camilo Castelo Branco, na sala _____, pelas horas, assumiram um compromisso no qual se estabelecem os seguintes deveres e direitos,

1. Deveres dos alunos:

- Serem assíduos e pontuais;
- Não mastigarem pastilha elástica durante as aulas;
- Retirarem os chapéus e bonés no interior da sala de aula;
- Desligarem e porem os telemóveis na mochila;
- Respeitarem a professora e os colegas;
- Participarem ordeiramente na aula;

2. Direitos dos alunos:

- Serem respeitados pelos colegas e pela professora;
- Serem avaliados segundo os critérios de avaliação;
- Serem ouvidos se forem oportunos e pertinentes;
- Serem ajudados nas suas dificuldades.

O(A) Aluno(A) _____

A Professora _____





ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

APRECIACÃO
GLOBAL

Língua Portuguesa 8º
A

Ano Lectivo 2009/10

NOME	TES. DIA.	TES. OUT.	TES. NOV.	TES. FEV.	TES. MAR.	TES. MAIO	TES. JUN.	TRAB. AULA	TRAB. CASA	MÉDIA ANUAL	NÍVEL
ANA SILVA	43,5	70	71	73,5	85	70	79	SB	SB	74,8	4
ANA LIMA	53,3	64	70	76,5	61	51	64	S	S	64,4	3
BEATRIZ	50,6	38	64	59,5	53	55	***	S	S	53,9	3
CAROLINA	43,5	65	57	64,5	57	68	***	S	S	62,3	3
CATARINA	34,6	41,5	50	52	41	36	50	S	S	45	3-
DANIELA	35,3	50,5	50	46	48	36	50	S	S	46,7	3-
GONÇALO RIB.	16	34,5	42	50	63	44	50	S	S	47,2	3-
GONÇALO FER.	30,6	59	56	50,5	48	41	55	S	S	51,5	3
GONÇALO AND.	29,3	59	50	72,5	39	53	***	S	S	54,7	3
JOÃO NOG.	16	54,5	37	41	26	34	34	NS	S	37,7	2
JOÃO MART.	81,3	88	84	91	91	93	98	SB	SB	90,8	5
JOSÉ	25,3	35,5	44	28	15	34	34	NS	NS	31,7	2
MARIA INÊS	82,6	89	88	93	83	95	***	SB	SB	90,8	5
MARTA	40	66,5	61	55	60	55	***	S	SB	59,5	3
MAURO	25,3	20	36	37,5	40	35	25	S-	S	32,2	2
PATRÍCIA	64	65	70	61	50	78	68	S	S	65,5	3
RAFAEL	30,6	41	38	47,5	53	52	57	S	S	48,2	3
RAQUEL	41,3	62	62	56,5	60	65	***	S	SB	61,1	3
RODIGO	25,3	24	43	36	37	31	33	NS	NS	34	2
RUBEN	24	42,5	43	38	46	40	40	NS	S-	41,5	2
SALOMÉ	58,6	74,5	76	79	76	82	***	SB	SB	77,5	4
SARA	33,3	62	72	73	65	56	***	S	S	65,6	3
SUSANA	58,6	71	70	83,5	82	70	***	SB	SB	75,3	4

MÉDIA	40,9957	55,5217	58	59,348	55,6087	55,3913	52,643			57,0391304	
--------------	----------------	----------------	-----------	---------------	----------------	----------------	---------------	--	--	-------------------	--

Nota: os alunos assinalados com *** não realizaram prova de avaliação



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

PLANIFICAÇÃO A LONGO E MÉDIO PRAZO – 2009/ 2010

Língua Portuguesa – 8º ano (+/- 134 aulas)

Sequências	Competências Nucleares					Tempo
	Compreensão Oral	Expressão oral	Escrita	Leitura	Funcionamento da Língua	
	Conteúdos processuais					
	<p>➤ Estruturação da actividade de escuta/Visionamento em três etapas:</p> <p>- Pré-escuta/Visionamento</p> <p>- Escuta/Visionamento</p> <p>- Pós-escuta/visionamento</p> <p>➤ Estratégias de escuta:</p> <p>- Global</p> <p>- Selectiva</p> <p>- Pormenorizada</p> <p>➤ Registo de notas</p> <p>➤ Estruturação da actividade de produção em três etapas:</p> <p>-Planificação</p>	<p>➤ Estruturação da actividade de produção em três etapas:</p> <p>- Planificação</p> <p>- Textualização</p> <p>- Revisão</p> <p>➤ Elaboração de apontamentos</p>	<p>➤ Estruturação da actividade em três etapas:</p> <p>- Pré-leitura</p> <p>- Leitura</p> <p>-Pós-leitura</p> <p>➤ Estratégias de leitura:</p> <p>- Leitura global</p> <p>- Leitura selectiva</p> <p>➤ Registo de notas</p>	<p>➤ Morfologia</p> <p>➤ Classes de palavras</p> <p>➤ Sintaxe</p> <p>➤ Significação lexical</p> <p>➤ Neologia</p> <p>➤ Relações entre palavras-relações semânticas.</p> <p>➤ Estes conteúdos serão trabalhados ao longo do ano.</p>		

<div>➤ Módulo inicial – diagnose</div> <div>➤ Sequência 1: Texto Narrativo</div> <div>Sequência 2:</div>	<div>- Execução</div> <div>- Avaliação</div>					1º Período (+ 52 aulas)
	Conteúdos declarativos					
		<div>✓ Relato</div> <div>✓ Descrição/Retrato</div>	<div>✓ Relatório</div> <div>✓ Textos narrativos e descritivos</div> <div>✓ Textos expressivos e criativos</div> <div>✓ Relato de vivências/exp.</div>	<div>✓ <i>Contos tradicionais e contos de Autor</i></div> <div>✓ <i>A Saga</i>, in <i>Histórias da Terra e do Mar</i>, de Sophia de Melo Breyner;</div> <div>✓ <i>Sexta-feira ou a Vida Selvagem</i>, de Michel Tournier.</div>		

1º Período
(+- 52 aulas)

Textos Narrativos						
autobiográficos; biografias de autores	Simulação de situações	➤ Leituras expressivas	✓ Textos expressivos e criativos	✓ <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> , de Jorge Amado.		
	✓ Documentários	✓ Entrevista		✓ <i>A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho</i> , de Mário de Carvalho.		2º Período (+/-48 aulas)
➤ Sequência 3: Textos Dramáticos				✓ Falar Verdade a Mentir, de Almeida Garrett		
		✓ Reconto		✓ O Boneco e a Boneca, de Almada Negreiros;		
➤ Sequência 4: Texto poético			✓ Textos narrativos/descritivos Reconto	✓ Texto Poético		3º Período (+/- 34 aulas)
			✓ Textos expressivos e criativos ✓ Poetas do séc.XX			



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

8ºA

LÍNGUA PORTUGUESA

PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE DIDÁCTICA: DIAGNOSE (0)

TEMPO (Blocos 45 Minutos)	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	OPERACIONALIZAÇÃO	AVALIAÇÃO	MATERIAIS
8 BLOCOS	<ul style="list-style-type: none"> Expressar-se oralmente de forma desbloqueada e autónoma em função de objectivos comunicativos diversificados. Consolidar competências adquiridas em anos anteriores 	-Diagnose escrita de competências; - Diagnose oral de competências	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Avaliação diagnóstica das competências estruturantes: compreensão e produção oral e escrita; ✓ Revisão de conteúdos essenciais ao prosseguimento de estudos. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Teste de compreensão oral e escrita. ➤ Teste de expressão oral e escrita ➤ Teste de produção oral e escrita 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Provas de compreensão oral e escrita; ➤ Provas de expressão oral e escrita; ➤ Provas de produção oral e escrita.



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

8ºA

LÍNGUA PORTUGUESA

PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE DIDÁCTICA: O TEXTO FUNCIONAL (1)

TEMPO	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	OPERACIONALIZAÇÃO	AValiação	MATERIAIS
4 BLOCOS DE 45 MINUTOS	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Interpretar linguagem de natureza icónica e simbólica ➤ Enriquecer a competência linguística. ➤ Ampliar a capacidade de expressão oral e escrita, através do uso correcto do código linguístico. ➤ Compreensão de Enunciados 	Texto Funcional <ul style="list-style-type: none"> - Notícia; - Carta formal e informal; - Entrevista; - Banda Desenhada; - Texto Publicitário 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Leitura e análise de textos ❖ Actividades de leitura silenciosa e em voz alta ❖ Visualização de powerpoint ❖ Produzir discursos variados, tendo em conta a situação concreta e a intencionalidade comunicativa. ❖ Experimentar diversas técnicas de comunicação, respeitando as suas regras inerentes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação directa; • Fichas informativas; • Testes; • Trabalhos/individuais e/ou de grupo; • Caderno diário; • Trabalhos de casa; • Tarefas realizadas em aula. • Auto e hetero Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno • Diário • Fichas de leitura • Manual adoptado • Material audiovisual • Gramática



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

8ªA

LÍNGUA PORTUGUESA

PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE DIDÁCTICA: O TEXTO NARRATIVO (2)

TEMPO	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	OPERACIONALIZAÇÃO	AValiação	MATERIAIS
Blocos de 45 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Desenvolver o gosto pela preservação e recriação do património literário oral. ➤ Recolher, reproduzir ou recriar produções do património literário oral. ➤ Contactar com textos de géneros e temas variados, da literatura nacional e universal 	Literatura Tradicional Oral <ul style="list-style-type: none"> ➤ - Conto tradicional; ➤ - Lenda; ➤ - Romance tradicional; ➤ - Fábula. Contos de Autor <ul style="list-style-type: none"> - "A Saga" de Sophia M. B. Andresen. - "Sexta-Feira ou a Vida Selvagem" de 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura orientada. ➤ Actividades de leitura silenciosa e em voz alta. ➤ Leitura e análise de textos. ➤ Reconto de textos pelos alunos ➤ Leitura e análise de textos ➤ Leitura silenciosa e expressiva de excertos da obra. ➤ Interpretação de excertos da obra após leitura 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação directa; • Fichas informativas; • Testes; • Trabalhos/individuais e/ou de grupo; • Caderno diário; • Trabalhos de casa; • Tarefas realizadas em aula. • Auto e hetero 	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno • Diário • Fichas de leitura • Manual adoptado • Material audiovisual • Gramática

		<p>Michel Tournier.</p> <p>* Categorias da Narrativa.</p> <p>* Frase simples e composta.</p> <p>*Coordenação/subordinação</p> <p>* Recursos Expressivos</p>	<p>prévia global</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Praticar diferentes modalidades de leitura e exprimir reacções a textos lidos. ➤ Participar em actividades da biblioteca da escola. ➤ Alargar a capacidade de leitura através de actividades lúdicas. ➤ Análise sintáctica e morfológica de frases ➤ Fichas de verificação. 	Avaliação	
--	--	---	--	-----------	--



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

8ªA

LÍNGUA PORTUGUESA

PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE DIDÁCTICA (3): “O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHÁ”, JORGE AMADO

TEMPO	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	OPERACIONALIZAÇÃO	AVALIAÇÃO	MATERIAIS
4 BLOCOS DE 45 MINUTOS	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a riqueza e a expressividade da linguagem literária. Salientar a importância da estrutura da língua no campo da literariedade. Aperfeiçoar a análise textual Incrementar a capacidade de flexão crítica e a sensibilidade para a leitura de textos. 	<ul style="list-style-type: none"> "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá", romance de Jorge Amado Plural dos nomes compostos Plural dos adjetivos compostos 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura orientada Actividades de leitura silenciosa e em voz alta Resolução de problemas. Discussão de leitura (opiniões pessoais) Fichas de verificação Produção ou utilização de guiões de leitura, cujos tópicos correspondam aos aspectos mais significativos da obra. 	<ul style="list-style-type: none"> Auto e hetero Avaliação Observação directa; Fichas informativas; Testes; Trabalhos/individuais e/ou de grupo; Caderno diário; Trabalhos de casa; Tarefas realizadas em aula. Levantamento dos recursos expressivos. Resumo oral do conto. Resolução de fichas de trabalho sobre o funcionamento da língua. 	<ul style="list-style-type: none"> Caderno Diário Fichas de leitura Manual adoptado Material audiovisual Gramática



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

LÍNGUA PORTUGUESA

8ª

PLANO DE AULA

Aula nº 59/60

6ª feira, 15 de Janeiro de 2010

Sumário: A voz Activa e a Voz Passiva.

Apresentação e explanação dos conteúdos leccionados.

Realização de exercícios.

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	TEMPO	COMPETÊNCIAS TREINADAS	OBJECTIVOS (O aluno deve ser capaz de:)
<ul style="list-style-type: none">Entrada e sumário	5 minutos	-----	-----
<ul style="list-style-type: none">Mobilizar conhecimentos prévios.Sistematização dos diferentes tipos e formas de frases.	15 minutos	<ul style="list-style-type: none">Ouvir-falarOuvirFalarConhecimento Explícito (formas e tipos de frases)	<ul style="list-style-type: none">Identificar os diferentes tipos e formas de frases.
<ul style="list-style-type: none">Entrega de ficha informativa/trabalho sobre a voz activa/passiva	5 minutos	-----	-----
<ul style="list-style-type: none">Identificação e explanação da Forma Activa e Forma Passiva.	15 minutos	<ul style="list-style-type: none">Ouvir-falarOuvirFalar	<ul style="list-style-type: none">Adquirir as regras das formas Activa e Passiva.Saber distinguir Forma Passiva

			de Forma Activa.
<ul style="list-style-type: none"> Resolução da ficha de trabalho sobre o conteúdo leccionado. 	25 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Ouvir-falar Ouvir Falar Escrever Mobilização de conhecimentos prévios (voz activa/passiva). 	<ul style="list-style-type: none"> Responder de forma clara e correcta às questões. Interiorizar as regras adquiridas
<ul style="list-style-type: none"> Correcção da ficha de trabalho. 	10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Ouvir-falar Ouvir Falar Escrever Mobilização de conhecimentos prévios (voz activa/passiva). 	<ul style="list-style-type: none"> Responder de forma clara e correcta às questões. Interiorizar as regras adquiridas.
<ul style="list-style-type: none"> Realização dos exercícios do manual da página 68. 	10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> Escrever Ler 	<ul style="list-style-type: none"> Responder de forma clara e correcta às questões. Interiorizar as regras adquiridas.
<ul style="list-style-type: none"> Marcação de T.P.C. Actividade de produção escrita do manual, página 68. 	5 minutos	-----	-----

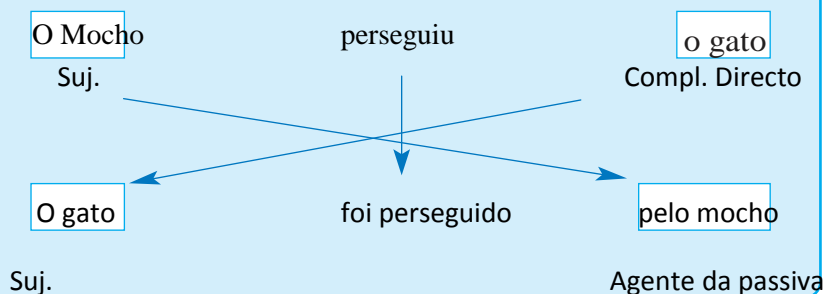
ANEXOS:

FORMA ACTIVA/FORMA PASSIVA



TIPOS	FORMAS	
	afirmativa/negativa	activa/passiva
Declarativo	O Rex perseguiu o gato. O Rex não perseguiu o gato.	O Rex perseguiu o gato. O gato foi perseguido pelo Rex.
Interrogativo	O Rex perseguiu o gato? O Rex não perseguiu o gato?	O Rex perseguiu o gato? O gato foi perseguido pelo Rex?
Exclamativo	O Rex perseguiu o gato! O Rex não perseguiu o gato!	O Rex perseguiu o gato! O gato foi perseguido pelo Rex!
Imperativo	Prendam esse cão. Não prendam esse cão.	Prendam esse cão. Seja preso esse cão.

Esquema de transformação da forma activa em forma passiva:



NOTA:

1. Só é possível fazer a transformação passiva quando a frase tem o verbo construído com complemento directo.
2. Por vezes, alguns elementos da frase passiva estão subentendidos:

Ex: Gato de raça (foi) socorrido, (pelo dono) após atropelamento.

3. A Forma Passiva é sempre construída com o verbo Ser, que será colocado no tempo do verbo que consta da frase na Activa.



Indica o tipo de cada uma das frases do quadro, assinalando-o com uma cruz (x):

FRASES	TIPO			
	Decl.	Inter.	Excl.	Imp.
a. Quantos animais vagueiam pelas ruas em tempo de férias!				
b. As sociedades protectoras não dão resposta aos pedidos de recolha?				
c. Cães e gatos são abandonados pelos donos!				
d. No entanto, foram publicadas pelo governo muitas leis de protecção.				
e. Cumpram a legislação!				
f. Muitas disposições legais não são cumpridas pelos cidadãos.				
g. Quando conseguiremos cumprir regras de cidadania?				
h. O meu cão é tratado com todos os cuidados.				
i. Nunca será abandonado!				

1.1. Das frases do quadro anterior, assinala as que se encontram na forma passiva:

a. ; b. ; c. ; d. ; e. ; f. ; g. ; h. ; i.

1.2. Faz o mesmo exercício, mas agora assinalando as frases que têm simultaneamente as formas negativa e passiva.

a. ; b. ; c. ; d. ; e. ; f. ; g. ; h. ; i.

1.3. Das frases passivas que constam do quadro apenas duas não têm o agente da passiva explícito. Quais?

Voz activa / Voz passiva

2. Coloca as seguintes frases na voz activa.

2.1 O leite foi bebido pelo gato.

2.2 O leite é bebido pelo gato.



2.3 O sol era tapado pela lua.

2.4 O sol será tapado pela lua.

3 Coloca as seguintes frases na voz passiva.

3.1. Jorge Amado escreve fábulas.

3.2 Jorge Amado escreveu fábulas.

3.3 O gato e a andorinha enfrentaram muitas adversidades.

3.4 O gato e a andorinha respeitaram as leis dos animais.

4 Nas seguintes frases identifica as que estão na voz activa (VA) e as que estão na voz passiva (VP).

4.1 O sapo come a mosca. ____

4.2 O ninho foi construído pelos pássaros. ____

4.3 A coruja falará a língua dos homens. ____

4.4 Os animais vivem na floresta. ____

4. Coloca as frases anteriores na voz activa/passiva consoante o caso.



ESCOLA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

LÍNGUA PORTUGUESA

Plano de aula 8ªA

Aula nº 61/62

2ª feira, 18 de Janeiro de 2010

Sumário: Introdução ao estudo do conto Jorge Amado "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá".

Análise da capa.

Variedades do Português.

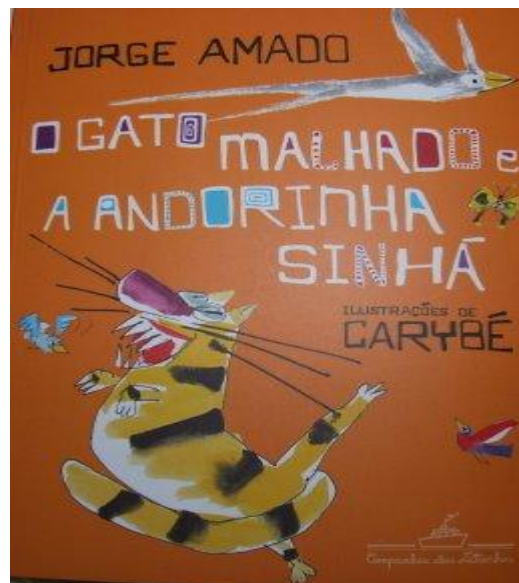
Leitura e interpretação de "Madrugada".

ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	TEMPO	COMPETÊNCIAS TREINADAS	OBJECTIVOS (O aluno deve ser capaz de:)
Entrada e sumário	5 minutos	-----	-----
Análise da capa do livro: "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" de Jorge Amado	15 minutos	Ouvir-falar Ouvir Falar Ler	Desenvolver o espírito crítico e reflexivo. Textualização
Actividade de leitura silenciosa e em voz alta do excerto de abertura da obra anteriormente referida.	10 minutos	Ler Ouvir-falar Ouvir Falar Mobilizar conhecimentos prévios.	Compreender a riqueza e a expressividade da linguagem literária. Identificar as ideias principais do excerto lido.
Análise do excerto anteriormente referido.	10 minutos	Ler Ouvir-falar Ouvir Falar	Emitir juízos de valor. Saber explicitar o significado da expressão: "Era uma vez..."
Colocar o excerto em Português variante portuguesa.	10 minutos	Escrever	Identificar as principais diferenças entre as variantes do Português de Portugal e do Brasil
Correcção do exercício	10 minutos	Escrever Ler Ouvir-falar Ouvir Falar	Identificar as principais diferenças entre as variantes do Português de Portugal e do Brasil
Explicação das diferenças entre a variedade portuguesa e brasileira.	5 minutos	Ouvir-falar Ouvir Falar Ler Escrever	Identificar as ideias principais.
Entrega de ficha informativa com as	5 minutos	-----	-----

principais características de cada uma das variantes.			
Leitura silenciosa e em voz alta do excerto introdutório do episódio “Madrugada”.	10 minutos	Ler Ouvir	Incutir o gosto pela leitura. Treinar a leitura expressiva.
Análise do excerto anteriormente referido	10 minutos	Ler Ouvir-falar Ouvir Falar	Identificar as ideias principais. Desenvolver o espírito crítico e reflexivo.

“O Gato malhado e a andorinha Sinhá” de Jorge Amado.

Análise da capa:



Observa as diferentes capas da obra.

Descobre as diferenças como se de um jogo se tratasse



Achas as capas sugestivas? Justifica.

Se fosses tu o criador, colocarias os mesmos animais?

Justifica a tua resposta.



ESCOLA SECUNDÁRIA CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

LÍNGUA PORTUGUESA

“O Gato malhado e a andorinha Sinhá” de Jorge Amado.

Era uma vez antigamente, mas muito antigamente, nas profundas do passado, quando os bichos falavam, os cachorros eram amarrados com lingüiça, alfaiates casavam com princesas e as crianças chegavam no bico das cegonhas.

Hoje, meninos e meninas já nascem sabendo tudo, aprendem no ventre materno, onde se fazem psicanalisar para escolher cada qual o complexo preferido, a angústia, a solidão, a violência.

Aconteceu naquele então uma história de amor.

Faz uma leitura atenta do seguinte excerto.

Sublinha os elementos do excerto que te parecem estranhos.

Lê atentamente a ficha que te foi entregue e faz as alterações que achares convenientes.

Classifica as modificações efectuadas.





ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMILO CASTELO BRANCO

ANO LECTIVO 2009/10

LÍNGUA PORTUGUESA

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO:

<u>VARIEDADE BRASILEIRA</u>	<u>VARIEDADE PORTUGUESA</u>
<p><u>COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO ANTES DA FORMA VERBAL:</u></p> <p>- “(...) ELA LHE PEDIU EXPLICAÇÃO DAQUELA TRISTEZA.”</p> <p><u>DIFERENTE USO DAS FORMAS PRONOMINAIS (COMPLEMENTO DIRECTO):</u></p> <p>- “VOOU RENTE SOBRE O GATO MALHADO, TOCOU-O DE LEVE COM A ASA ESQUERDA (...)”</p> <p>Uso de consoantes mudas. No Brasil, como não são pronunciadas na linguagem padrão foram eliminadas da escrita.</p> <p>- <u>A AÇÃO DESENVOLVE-SE NO PARQUE.</u></p> <p>Nível sintáctico</p> <p>- o uso do gerúndio é preferencial no português do Brasil, em detrimento do uso do infinitivo:</p> <p>- “Ele está escrevendo um romance.” (PB).</p> <p><u>É transmitida a ideia de uma acção contínua.</u></p> <p>- <u>Adição ou supressão de palavras:</u></p> <p><u>Está me chamando (de) ladrão.</u></p>	<p><u>COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO APÓS A FORMA VERBAL:</u></p> <p>- (...) ELA PEDIU-LHE EXPLICAÇÃO PARA AQUELA TRISTEZA.</p> <p><u>DIFERENTE USO DAS FORMAS PRONOMINAIS (COMPLEMENTO INDIRECTO):</u></p> <p>- “VOOU RENTE AO GATO MALHADO, TOCOU-LHE DE LEVE COM A ASA ESQUERDA (...)”</p> <p>Uso de consoantes mudas no Português Europeu:</p> <p>- <u>A ACCÇÃO DESENVOLVE-SE NO PARQUE.</u></p> <p><u>NOTA: O novo Acordo Ortográfico surge como forma de aproximação e de harmonização desta característica.</u></p> <p>Nível sintáctico</p> <p>- no caso do português de Portugal o uso do gerúndio aplica-se à região do Alentejo.</p> <p>- A norma diz respeito ao uso do Infinitivo:</p> <p>“Ele está a escrever um romance.”</p> <p><u>Norma do Português europeu:</u></p> <p><u>Está a chamar-me (de) ladrão.</u></p>

Madrugada

A manhã vem chegando devagar, sonolenta; três quartos de hora de atraso, funcionária relapsa. Demora-se entre as nuvens, preguiçosa, abre a custo os olhos sobre o campo, aí que vontade de dormir sem despertador, dormir até não ter mais sono! Se lhe acontecer arranjar marido rico, a Manhã não mais acordará antes das onze, e olhe lá. Cortinas nas janelas para evitar a luz violenta, café servido na cama.

Sonhos de donzela casadoira, outra a realidade da vida, de uma funcionária subalterna, de rígidos horários. Obrigada a acordar cedíssimo para apagar as estrelas que a Noite acende com medo do escuro. A Noite é uma apavorada, tem horror às trevas.

Com um beijo, a Manhã apaga cada estrela enquanto prossegue a caminhada em direção ao horizonte. Semi-adormecida, bocejando, acontece-lhe esquecer algumas sem apagar. Ficam as pobres acesas na claridade, tentando inutilmente brilhar durante o dia, uma tristeza. Depois a Manhã esquento o Sol, trabalho cansativo, tarefa para gigantes e não para tão delicada rapariga. É necessário soprar as brasas consumidas ao passar da Noite, obter uma primeira, vacilante chama, mantê-la viva até crescer em fogaréu.

Sozinha, a Manhã levaria horas para iluminar o Sol, mas quase sempre o Vento, soprador de fama, vem ajudá-la.



Por que o bobo faz questão de dizer que estava passando ali por acaso quando todos sabem não existir tal casualidade e sim propósito deliberado? Quem não se dá conta da secreta paixão do Vento pela Manhã? Secreta? Anda na boca do mundo.

A respeito do Vento circulam rumores, murmuram-se suspeitas, dizem-no velhaco e atrevido, capadócio a quem é perigoso dar ousadia. Citam-se as brincadeiras habituais do irresponsável: apagar lanternas, lamparinas, candeeiros, fifós para assombrar a Noite; despir as árvores dos belos vestidos de folhagens, deixando-as nuinhas.

Pilhérias de evidente mau gosto; no entanto, por incrível que pareça, a Noite suspira ao vê-lo e as árvores do bosque rebolam-se contentes à sua passagem, umas desavergonhadas. A caçoada predileta do Vento é meter-se por baixo da saia das mulheres, suspendendo-as com malévola intenção exibicionista. Truque de seguríssimo efeito nos tempos de antanho, traduzindo-se em risos, olhares oblíquos e cobiçosos, contidas exclamações de gula, ahs! e ohs! Entusiásticos.

Antigamente, porque hoje o Vento não obtém o menor sucesso com tão gasta demonstração: exibir o quê, se tudo anda à mostra e quanto mais se mostra menos se quer ver? Quem sabe, as gerações futuras lutarão contra o visível e o fácil, exigindo, em passeatas e comícios, o escondido e o difícil.

Um tanto quanto louco, decerto; não vamos esconder os defeitos do Vento. Mas por que não falar também de inegáveis qualidades? Alegre, ágil, dançarino de fama, pé-de-valsa celebrado, amigueiro, sempre disposto a ajudar os demais, sobretudo em se tratando de senhoras e donzelas.

Por mais cedo fosse, mais frio fizesse, estivesse onde estivesse, cruzando distantes e íngremes caminhos, pela madrugada arribava ele em casa do Sol para cooperar com a Manhãzinha. Sopra que sopra com a imensa bocarrona de ar.

Apenas, porém, a brasa crescia em labareda, o Vento deixava por conta da Manhã atizar a chama com o abanador das brisas e começava a recordar aventuras, a contar de coisas vistas nas caminhadas sem destino: nevados topos de montanhas muito acima das nuvens ou abismos tão profundos que jamais a Manhã conseguiria enxergar.

Bisbilhoteiro e audacioso, rei dos andarilhos, rompendo fronteiras, invadindo espaços, vasculhando esconderijos, o Vento carrega um alforje de histórias para quem queira ouvir e aprender.

Compreensão do texto:

1- Presta atenção à seguinte expressão: “A Manhã vem chegando...”

Concordas com o uso do Gerúndio? Justifica a tua resposta.

3. Como caracterizarias a Manhã.

4. A Manhã tem um sonho. Qual?

5. De que forma ele mudaria o comportamento da Manhã? Justifica com expressões do texto.

6. Para além da Manhã, o Vento e o Tempo são três das muitas personagens da obra.

Caracteriza-as com expressões do texto.

7. Como as imaginarias se não fossem meras personagens do mundo fictício dos contos?

8. As personagens referidas desempenham determinadas funções ao longo da obra.

Refere-as?



9. Se pudesses atribuir características físicas à Manhã, ao Vento e ao Tempo, como seriam estes?



Instituto Español "Giner de los Ríos "
Consejería de Educación en Portugal

UNIDAD DIDÁCTICA 1

TEMA	<u>LAS VARIEDADES DE LA LENGUA</u>	
DATOS DE LOS ALUMNOS A LOS QUE VA DIRIGIDA LA TAREA	2º curso A de la E.S.O.	
OBJECTIVOS DE LA UNIDAD	<ul style="list-style-type: none"> • Comprender y producir mensajes orales y escritos con propiedad, autonomía y creatividad en lengua castellana, y reflexionar sobre los procesos implicados en el uso del lenguaje y la contribución de este a la organización de los propios pensamientos. • Conocer la situación lingüística de España. 	
CONTENIDOS DE APRENDIZAJE	<p>CONTENIDOS CONCEPTUALES</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Variedades estilísticas y sociales de la lengua. ✓ Las variedades oral y escrita de la lengua. ✓ Las variedades coloquial y formal de la 	<p>CONTENIDOS CULTURALES</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ La transmisión de la literatura: literatura oral y literatura escrita. ✓ Formas De tratamiento.

	lengua.	
POCEDIMIENTOS	➤ Lectura, análisis e interpretación de mensajes en los que aparecen las distintas funciones del lenguaje.	
COMPETENCIAS	 Adquisición de las competencias cultural, social y ciudadana.  Competencia comunicativa	
METODOLOGÍA	<ul style="list-style-type: none"> ○ Proceso Enseñanza-aprendizaje ○ actividades para adquirir los contenidos y alcanzar los objetivos propuestos, así como para desarrollar las competencias básicas; actividades de consolidación, refuerzo, ampliación y evaluación; evaluación y revisión constante del proceso de enseñanza por parte del profesor o profesora. 	
TIEMPO	2 Sesiones de 50 minutos	
RECURSOS	Libro de texto; ordenador; folios; cuaderno del alumno.	
EVALUACIÓN	Evaluación continua, flexible y formativa.	

ANEXOS:

Las variedades de la lengua

Estudio de la lengua

1. Las variedades de la lengua
2. Variedades geográficas de la lengua
3. Variedades sociales:
4. Lengua y situación comunicativa. Variedades diafásicas.
5. Situación lingüística de España en la actualidad.

Las variedades de la lengua



Variedades geográficas de la lengua

Las variedades **diatópicas** o **dialectales** relacionan al hablante con su origen territorial. Son variedades geográficas: los dialectos, las hablas regionales y las hablas locales.

Lengua a un sistema lingüístico que cumple las siguientes condiciones:

- ✓ Los hablantes de una lengua se comprenden entre sí.
- ✓ Nivelación: la lengua dispone de una gramática, un léxico y unas normas de pronunciación comunes a todos los hablantes.
- ✓ Tradición literaria
- ✓ Contar con una significativa comunidad de hablantes y el haber alcanzado la condición de lengua nacional imponiéndose a otros sistemas lingüísticos.

Dialecto: variedad que adopta una lengua en parte del territorio

- ✓ Subordinación a otra lengua
- ✓ Los rasgos dialectales no son unitarios

Habla regional: es la variedad que presenta la lengua en una región determinada

Habla local: es una variedad de lengua que se produce en una zona geográfica muy reducida (comarca, una ciudad...)

Variedades sociales

La modalidad que adopta una lengua en una determinada capa social de la comunidad lingüística recibe el nombre de **variedad diastrática**, **dialecto social**, **sociolecto** o **nivel de lengua**.

Según el grado de instrucción, podemos distinguir los siguientes conjuntos lingüísticos:

- ✓ Personas con sólida formación
- ✓ Personas de mediana cultura
- ✓ Personas poco instruidas o incultas

En relación con ellos, se pueden aislar diversos sociolectos:

- ✓ Según el hábitat: lengua rural y lengua urbana
- ✓ Según la edad
- ✓ Según la procedencia
- ✓ Según los diversos oficios o actividades

Variedades sociales o niveles de lengua: nivel culto, nivel popular, nivel vulgar y nivel estándar.

Nivel culto

Es propio de las personas instruidas y de gran nivel cultural.

- **Corrección**: Esta característica de la lengua culta afecta a todos los niveles: al fónico con una pronunciación que conserva los matices de expresividad y evita todo vulgarismo fónico o forma local; al gramatical, con el uso riguroso de construcciones sintácticas y la utilización de los nexos adecuados; al léxico, con la precisión de los significados y el rechazo de vulgarismos y barbarismos.
- **Riqueza léxica**: La lengua culta, en sintonía con la sólida formación del hablante, dispone de un léxico rico y preciso que abarca a las ciencias o la cultura en todos sus ámbitos.
- **Capacidad de abstracción**: La lengua culta se diferencia de la popular y la vulgar en que es capaz de expresar con mayor profundidad y precisión los conceptos abstractos.
- **Tradición literaria**: La lengua culta recoge el peso de la tradición literaria y puede compartir con ella su belleza formal. Es la más apropiada para todo tipo de actividades intelectuales.

Nivel popular

Se sitúa en un nivel medio de competencia lingüística y se usa en el ámbito de la vida cotidiana, no en actividades intelectuales o culturales.

- La **subjetividad** del hablante: uso frecuente de interjecciones, exclamaciones, expresiones irónica, etc. Ejemplo: *¡Mujer, eso sí que no se hace, te lo digo yo!*
- **Economía** en el uso de medio lingüísticos: oraciones inacabadas o suspendidas, oraciones sincopadas, falta de precisión léxica, etc. Ejemplo: *¡Bueno, pues...como te iba diciendo!*
- Continuas **apelaciones al oyente**: *¡Ya me dirás! ¡Tu tienes la última palabra!*
- Uso del llamado **lenguaje proverbial** o refranes ligados a la filosofía popular: *En boca cerrada no entran moscas*

Nivel vulgar

Es utilizado por peor escolarizadas de la sociedad. Es un sistema pobre, con una gramática sencilla y un léxico reducido. Los vulgarismos son variados:

- **Vulgarismos fonéticos:**
 - ☞ Desplazamientos acentuales: *máestro, telégrama...*
 - ☞ Indecisión vocálica: *sigún, acordión...*
 - ☞ Relajación consonántica: *dotor, istancia...*
 - ☞ Alteración r/l: *arquiler...*
 - ☞ Cambio de consonantes: *grabiél, cocreta...*
- **Vulgarismos morfológicos:**
 - ☞ Formaciones analógicas: *haiga, ayer caminemos...*
 - ☞ Leísmo, laísmo, loísmo: *les vi, la dije...*
 - ☞ Uso de las partículas: *dempués, pienso de que...*
 - ☞ Alteraciones verbales: *cantastes...*
- **Vulgarismos léxicos:**
 - ☞ Solecismos: *explosionar (explotar)...*
 - ☞ Léxico figurado: *limpiar (robar)...*
 - ☞ De origen gitano: *andóval...*
 - ☞ Humorístico: *vivales...*
- **Vulgarismos sintácticos:**
 - ☞ Orden de las palabras: *se me escapó...*
 - ☞ Concordancias incorrectas: *la clima, la Carmen...*
 - ☞ Frases hechas e impersonales: *uno es así...*

Nivel vulgar

Es utilizado por peor escolarizadas de la sociedad. Es un sistema pobre, con una gramática sencilla y un léxico reducido. Los vulgarismos son variados:

- **Vulgarismos fonéticos:**
 - ☞ Desplazamientos acentuales: *máestro, telégrama...*
 - ☞ Indecisión vocálica: *sigún, acordión...*
 - ☞ Relajación consonántica: *dotor, istancia...*
 - ☞ Alteración r/l: *arquiler...*
 - ☞ Cambio de consonantes: *grabiél, cocreta...*
- **Vulgarismos morfológicos:**
 - ☞ Formaciones analógicas: *haiga, ayer caminemos...*
 - ☞ Leísmo, laísmo, loísmo: *les vi, la dije...*
 - ☞ Uso de las partículas: *dempués, pienso de que...*
 - ☞ Alteraciones verbales: *cantastes...*
- **Vulgarismos léxicos:**
 - ☞ Solecismos: *explosionar (explotar)...*
 - ☞ Léxico figurado: *limpiar (robar)...*
 - ☞ De origen gitano: *andóval...*
 - ☞ Humorístico: *vivales...*
- **Vulgarismos sintácticos:**
 - ☞ Orden de las palabras: *se me escapó...*
 - ☞ Concordancias incorrectas: *la clima, la Carmen...*
 - ☞ Frases hechas e impersonales: *uno es así...*

Nivel estándar

Esta variedad lingüística se sitúa en un nivel medio pero formal de la lengua. Adopta las exigencias normativas del idioma, aunque es menos rígida y meticulosa que la variedad culta.

Los lenguajes específicos

Los lenguajes específicos son las variedades de la lengua común o estándar que identifican a un grupo sociocultural. Las características de estos subsistemas afectan fundamentalmente al nivel léxico y, en menor grado, al morfosintáctico. Se distinguen tres tipos de lenguajes específicos:

- ✓ Las **jergas o argots**: son lenguas de grupos sociales marginales con finalidad críptica. La lengua en estos grupos es un medio que garantiza su cohesión interna. Destaca el lenguaje del hampa, el carcelario, el de las tribus urbanas...
- ✓ Los **lenguajes sectoriales**: empleados por los miembros de diferentes actividades y profesiones: lenguaje jurídico, lenguaje deportivo, lenguaje político...
- ✓ Los **lenguajes científico-técnico**: el lenguaje de medicina, de la biología, de la física...

Lengua y situación comunicativa: variedades diafásicas

Llamamos **situación comunicativa** al conjunto de circunstancias extralingüísticas en las que se desarrolla el acto de comunicación. Los elementos que conforman la situación comunicativa son:

- La personalidad de emisor y receptor.
- La atmósfera, tensión comunicativa o grado de formalidad:
 - ☞ **Informal** (relaciones de confianza, familiaridad o solidaridad). El más significativo es el registro coloquial.
 - ☞ **Formal** (relaciones distantes por respeto hacia la otra persona, por la conciencia de ocupar posiciones jerárquicas diferentes o por desconocimiento mutuo). Es el registro culto.
- El **tema o materia** sobre el que versa la comunicación.
- La **intencionalidad**.
- La **unilateralidad** o no de la comunicación.
- El espacio o **ámbito** de interacción social (laboral, profesional, familiar...)

La conjunción de todas estas circunstancias determina que el hablante elija el **código, el medio de expresión y la estructura discursiva** que más se ajusten al situación de comunicación.



LAS VARIEDADES DE LA LENGUA

- ★ La lengua no presenta un mismo código en todos los hablantes; tienen unas **variantes**.

-Por **circunstancias de carácter social y cultural**

-Por circunstancias derivadas de la **intención** de los hablantes y de la **situación** en que se encuentren.

-Por las **diferentes zonas geográficas**

- ★ Cada hablante por tanto tendrá un nivel diferente del conocimiento de **la norma de uso** de su lengua.
- ★ **LENGUA ESTÁNDAR:** Es el modelo del uso de la lengua que se acerca al **ideal de la lengua**. Nadie hace un uso perfecto del idioma por lo que la lengua estándar no se corresponde con ninguna variedad.
- ★ **NORMA:** La norma se encarga de establecer las reglas que permiten utilizar la lengua correctamente.
- ★ **LENGUA CULTA:** Se acerca más a la lengua estándar. El hablante posee mayor **competencia lingüística** por que permite un uso más **formal**.

Características de la lengua

Culta:

- Riqueza Léxica:** Permite emplear el término adecuado.
- Sintaxis Correcta:** Facilita la expresión clara y ordenada de las ideas.

- ★ **LENGUA VULGAR:** Se aleja de la lengua estándar. El conocimiento de la norma provoca incorrecciones llamadas **vulgarismos**.

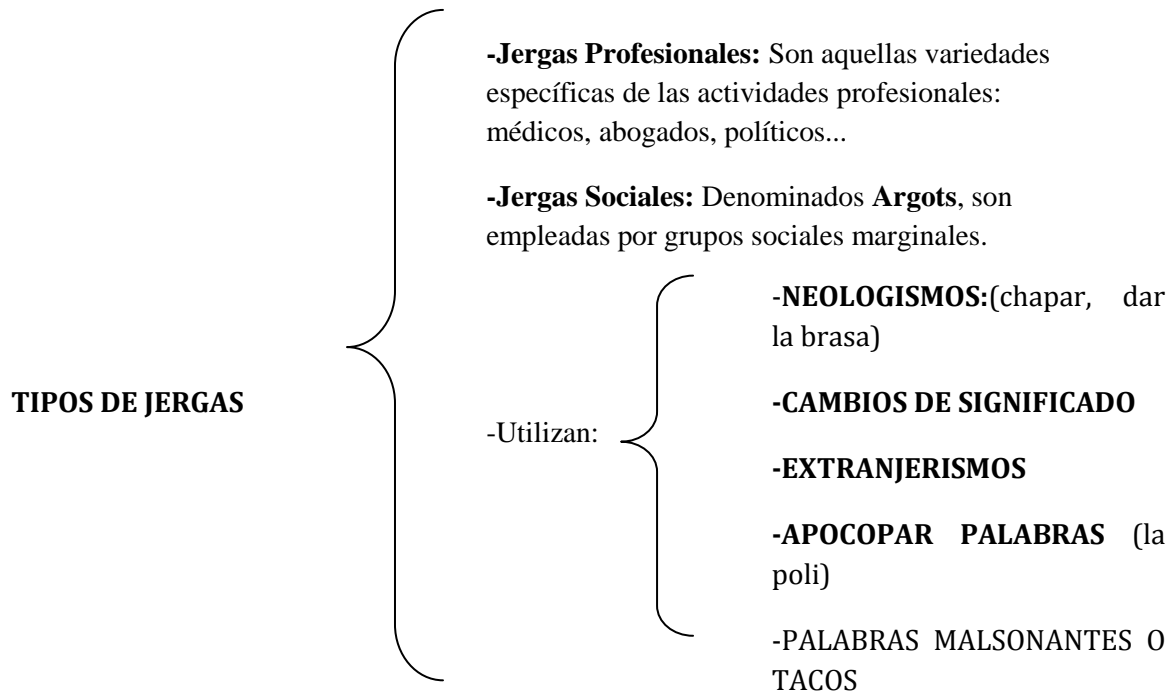
Características de la

Lengua vulgar:

- Nivel Fónico:** Confusión de sonidos (agüelo), reducción de diptongos (ventidós), faltas de ortografía (ha venido).
- Nivel Morfosintáctico:** Usos incorrectos de las formas verbales, empleo del infinitivo en lugar del imperativo (sentaros), empleo del determinante a los nombres propios (la María) y dequeísmo (pienso de que te equivocas).
- Nivel Léxico-Semántico:** Uso de preposiciones y conjunciones incorrectas, extranjerismos innecesarios.

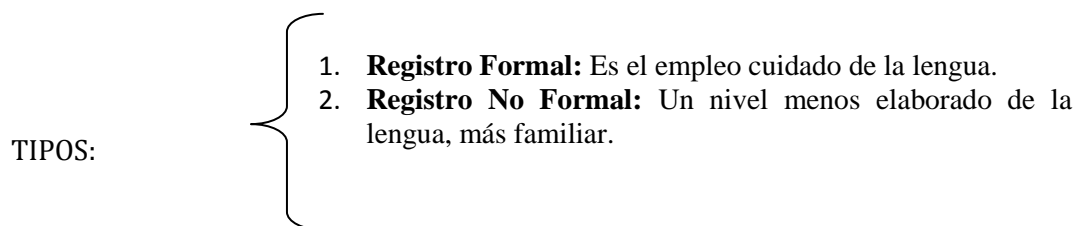
La pertenencia de los hablantes a grupos diferentes origina las variedades sociales de la lengua.

- ★ **LAS JERGAS:** Es aquella forma de expresarse que utilizan algunos grupos sociales o profesionales.

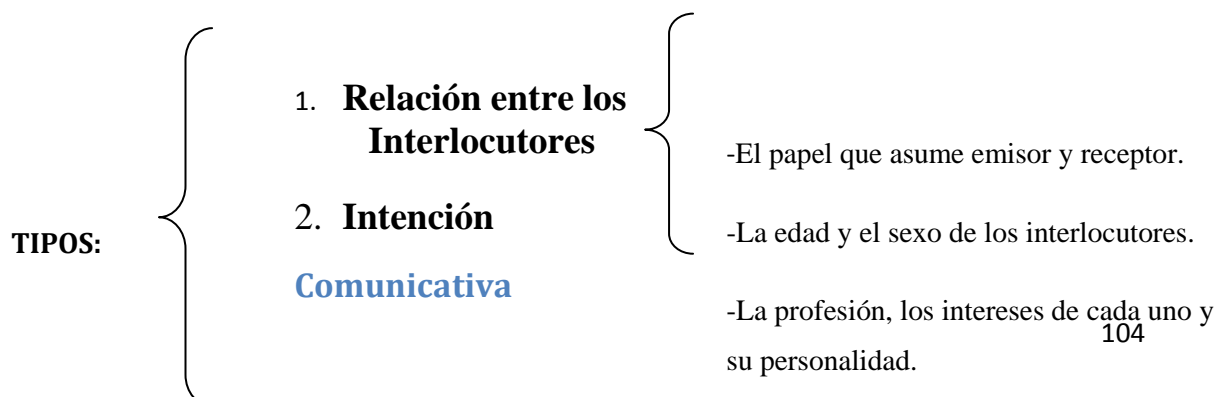


LAS VARIEDADES SEGÚN LA SITUACIÓN COMUNICATIVA

- ★ **REGISTRO LINGÜÍSTICO:** Son variedades en la situación comunicativa.



- ★ **FACTORES:** Estos influyen en cada registro empleado



CONTEXTO:

-Marco Social:

Ejemplo: No se emplea el mismo registro en una clase de lengua que con tus amigos.

-Marco textual:

Ejemplo: La forma de la lengua varía si escribimos un informe médico que un poema.

VARIEDADES ESTILÍSTICAS

- * Llamamos **tipos de discursos** a las variedades lingüísticas que se producen y la finalidad con que se emplean.

Utilizan un por tanto estos tipos de lenguaje: **lenguaje específico, lenguaje científico, tecnicismos, lenguaje literario...**

**TIPOS
DE
DISCURSOS**

-**Discurso científico y técnico:** Divulgar, exponer o explicar conocimientos.

-**Discurso humanístico:** Exponer y argumentar ideas y pensamientos.

-**Discurso jurídico y administrativo:** Prescribir y regular normas.

-**Discurso literario:** Crear belleza.

-**Discurso periodístico:** Informar sucesos.

-**Discurso publicitario:** Convencer

EJERCICIOS:

EL LENGUAJE DE LOS TEXTOS HUMANÍSTICOS y ENSAYÍSTICOS

El lenguaje de las disciplinas humanísticas comparte las características de los textos técnico-científicos, salvo en la modalidad del **ensayo**, por tratarse éste de un género literario.

Texto I: Un viaje por Europa



Yo ya estaba mosqueao, porque cada vez que hacíamos un cambio de tren pues, no veas, qué historia... Ella esperaba con el equipaje, y yo tenía que ir pacá, pallá, y no paraba. Ara que, en Ginebra, cogimos casi todo el equipaje, y lo facturamos. Porque en Suecia namás que te dejan entrar una botella de vino, otra de coñá y otra de... a ver, te dejan entrar una botella de coñá, otra de vino, pero no vino corriente, sino vino amontillao, y otra de anís. Bueno, nosotros llevábamos una maleta cada uno, y tres botellas en la maleta suya, y tres en la mía, que son lo único que te dejan entrar. Pero en el equipaje que facturamos iban nueve botellas más, tres en cada maleta. Y cuando llegamos allí, pasamos aduana, lo que más me mosqueó fue que me quitaron el perro, al llegar. Claro, fue por lo de la cuarentena; ¡joder, qué mosqueo con el perro! Yo me quería volver otra vez pa España. Sí ¿tú sabes? De momento namás llegar y bajar del barco ya me quitan el perro y después de una bronca allí, con todos aquellos tipos, que yo no me enteraba, nos montamos en un taxi para irnos a la casa, a la casa de su madre, que ya nos esperaba, ¡y un frío que hacía en el taxi!, brrr... El taxi con calefacción... ¡y a 25 grados bajo cero! Yo estaba muerto de frío. Y yo le decía: "Ana, vámonos pa España..." "No hombre, que ya estamos aquí; ¿ahora nos vamos a volver patrás?" Y eso, que era en Goteburg, que es más pal Sur.

Oriol Romaní

1. Busca ejemplos de los siguientes rasgos del lenguaje coloquial:

- pronunciación relajada
- frases inacabadas
- contracciones



- repeticiones
- incoherencias
- palabras-comodín
- léxico de jerga
- exclamaciones
- uso de los pronombres y deícticos de primera persona
- apelaciones al emisor

Nota: para além deste material, também foi utilizado em aula o recurso a vídeos e audição de músicas relativas às variedades da língua. Estes estão presentes no cd que segue em anexo.

Instituto Español "Giner de los Rios "
Consejería de Educación en Portugal

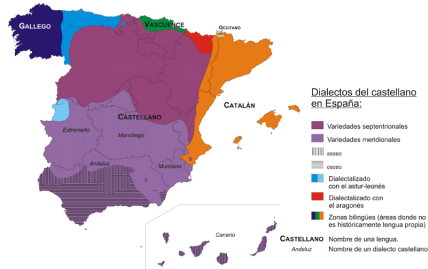
UNIDAD DIDÁCTICA 2

TEMA	<u>LAS VARIEDADES DE LA LENGUA</u>	
DATOS DE LOS ALUMNOS A LOS QUE VA DIRIGIDA LA TAREA	2º curso A de la E.S.O.	
OBJECTIVOS DE LA UNIDAD	<ul style="list-style-type: none"> • Comprender y producir mensajes orales y escritos con propiedad, autonomía y creatividad en lengua castellana, y reflexionar sobre los procesos implicados en el uso del lenguaje y la contribución de este a la organización de los propios pensamientos. • Conocer la situación lingüística de España. 	
CONTENIDOS DE APRENDIZAJE	CONTENIDOS CONCEPTUALES <ul style="list-style-type: none"> ✓ Las lenguas y dialectos de España. 	CONTENIDOS CULTURALES <ul style="list-style-type: none"> ✓ La evolución lingüística del español. ✓ Las variedades lingüísticas y dialectales regionales.
POCEDIMIENTOS	➤ Lectura, análisis e interpretación de mensajes distintos.	

COMPETENCIAS	 Adquisición de las competencias cultural, social y ciudadana.  Competencia comunicativa
METODOLOGÍA	<ul style="list-style-type: none"> ○ Proceso Enseñanza-aprendizaje ○ actividades para adquirir los contenidos y alcanzar los objetivos propuestos, así como para desarrollar las competencias básicas; actividades de consolidación, refuerzo, ampliación y evaluación; evaluación y revisión constante del proceso de enseñanza por parte del profesor o profesora.
TIEMPO	2 Sesiones de 50 minutos
RECURSOS	Libro de texto; ordenador; diapositivos; folios; cuaderno del alumno.
EVALUACIÓN	Evaluación continua, flexible y formativa.

ANEXOS:

Las lenguas de España



Aclaremos conceptos

Lengua y dialecto.

Toda lengua tiene su origen en otra anterior, de la que empieza siendo una variedad llamada dialecto.

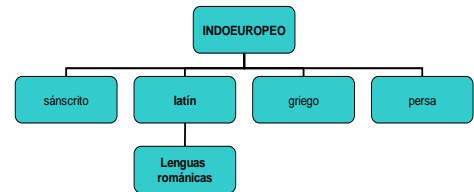
- Un dialecto se convierte en lengua cuando consigue:
 - Un número importante de hablantes.
 - Una cierta tradición literaria.
 - Independencia gramatical respecto a su lengua de origen.

Lengua, dialecto y habla.

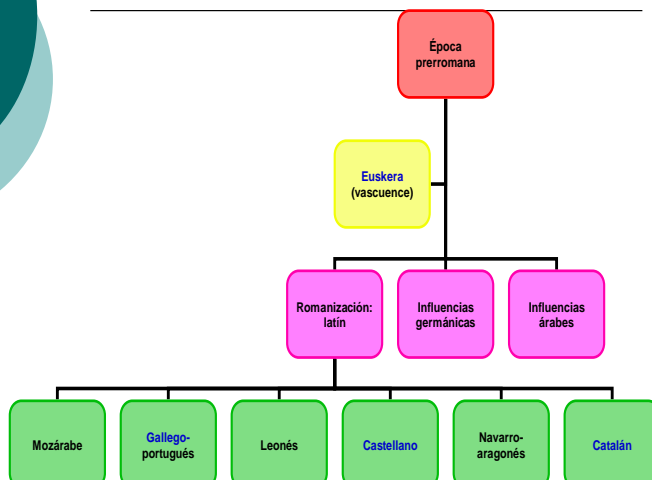
- **Lenguas:** Son códigos que han constituido su propio modelo de corrección mediante el desarrollo de una literatura. Tienen límites geográficos precisos.
- **Dialectos:** Tienen como modelo otro código, del cual derivan. Su literatura se realiza en la lengua que le sirve de modelo y sus límites geográficos suelen ser imprecisos.
- **Hablas dialectales o locales:** Carecen de modelo lingüístico que los unifique y de una literatura. Escaso número de hablantes.

Buscamos el origen

- En Europa parece que existió una lengua común, el **indoeuropeo**, de la que derivó el **latín**, que a su vez dio lugar a las **lenguas románicas**.



Un poco de historia



Lenguas prerrománicas

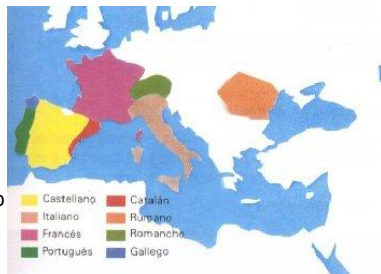


Lenguas románicas



Lenguas romances, románicas o neolatinas

- Castellano
- Catalán
- Gallego
- Portugués
- Provenzal (Francia)
- Francés
- Sardo (Cerdeña)
- Italiano
- Retorromano o rético (Suiza-Italia)
- Rumano
- Dálmata (Croacia)

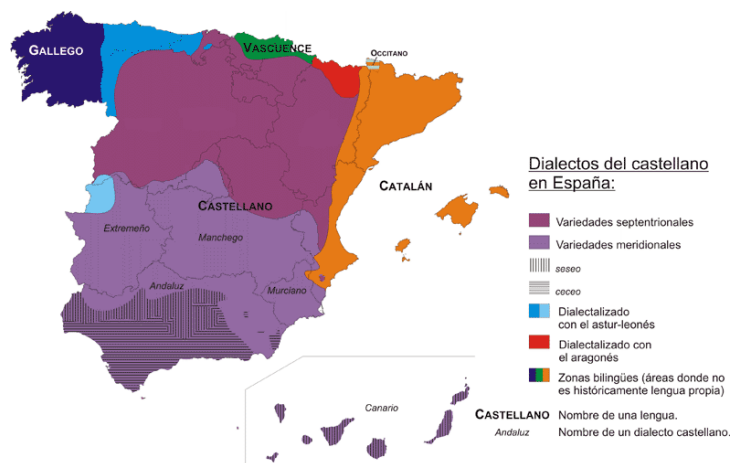


Las lenguas que se hablan en España

- Todas las lenguas que se hablan en España son **lenguas romances**, es decir, derivadas del latín, excepto el **euskera**.
- Lenguas romances:
 - Castellano
 - Gallego
 - Catalán (variedades lingüísticas: valenciano y mallorquín)

Los dialectos que se hablan en España

- **Del latín:**
 - El astur-leonés (bable)
 - El navarro-aragonés (fablas)
- **Del castellano:**
 - El andaluz
 - El canario
 - El murciano
 - El extremeño



Situación lingüística de España en la actualidad.

CONSTITUCIÓN ESPAÑOLA (1978)

Artículo 3.

1. El castellano es la lengua española oficial del Estado. Todos los españoles tienen el deber de conocerla y el derecho a usarla.
2. Las demás lenguas españolas serán también oficiales en las respectivas Comunidades Autónomas, de acuerdo con sus Estatutos.

El castellano

Evolución histórica del castellano:

- ✓ El castellano es una lengua románica, derivada del latín vulgar en la antigua Cantabria.

En el siglo XIII, bajo el reinado de Alfonso X, el castellano sustituye al latín como lengua oficial.


Dialectos del castellano:

a) **Dialectos históricos:** variedades derivadas directamente del latín y que no se convirtieron en lenguas

- ✓ El astur-leonés
- ✓ El aragonés

b) **Dialectos actuales:**

- ✓ Andaluz
- ✓ Murciano
- ✓ Extremeño
- ✓ Canario

Las variedades lingüísticas de la península	Imagen 1	LENGUA	sm
<h3>El castellano en Andalucía y Murcia</h3>			
Zona  <p>Área de habla castellana Andalucía</p>	Fonología <ul style="list-style-type: none">• Seseo: el fonema /z/ se pronuncia [s].• Ceceo: el fonema /s/ se pronuncia [z].• La -s se aspira al final de sílaba y palabra.• La -d- entre vocales no se pronuncia.• La <i>ch</i> se pronuncia [sh].• La -r final de sílaba se pronuncia [r].		
Morfología <ul style="list-style-type: none">• Se usa el pronombre personal <i>ustedes</i> en lugar de <i>vosotros</i>.	Vocabulario <ul style="list-style-type: none">• <i>Desaborido</i>: soso, sin gracia.• <i>Estar novio con</i>: ser novio de.• <i>Panocho</i>: habla de la huerta de Murcia.• <i>Pipirrana</i>: tipo de ensaladilla.		

El castellano en Aragón

Zona



Fonología

- Las palabras esdrújulas se pronuncian como llanas: *pajaro*.
- En la zona norte se conservan las consonantes latinas:
 - Entre vocales: *ansa* (asa).
 - La *f*-inicial: *faba* (haba).

Morfología

- Diminutivos en *-ico*: *guapico*.
- Formas verbales propias: *daron* (dieron).
supiendo (sabiendo).

Vocabulario

- Axovar*: dote de la novia.
- Badallar*: bostezar.
- Caramullo*: lo que se sale de un recipiente.
- Maño*: expresión de cariño entre personas.

El castellano en Extremadura

Zona



Fonología

- La *-s* se aspira al final de sílaba y palabra.
- La *//* y la *y* se pronuncian como [sh].

Morfología

- Diminutivos en *-ino/-ina*: *casina*.
- La construcción posesiva se forma así:
<artículo + posesivo + nombre>
la + mí + hermana

Vocabulario

- Caer*: tirar. He *caído* el vaso con el codo.
- Quedar*: dejar. He *quedado* el bolso en casa.
- Castúo*: labrador que cultiva sus propias tierras.

El castellano en el centro peninsular

Zona



Fonología

- La *-d* final de palabra se pronuncia [z].
- La *-s* final de sílaba se aspira o se pronuncia [j] en algunas zonas.
- La *-d-* desaparece en las palabras acabadas en *-ado*.

Morfología

- Leísmo: Los libros *les* tengo en el armario.
- Laísmo: *La* di el libro a mi hermana.
- Loísmo: *Lo* di el libro a Juan.

Vocabulario

- Bolo*: bobo, tonto (Toledo).
- iVaya telarest*: ¡vaya lío! (León).
- Alaja*: bonita, linda (Toledo).
- Algaracear*: caer nieve fina (Guadalajara).

El catalán

Lo hablan unos diez millones de personas en Cataluña, Baleares, Comunidad Valenciana, una franja de Argón limítrofe con Cataluña, el principio de Andorra, el antiguo Rosellón francés y la ciudad de Alguer (Cerdeña)

Dialectos del catalán:

- ✓ Catalán occidental
- ✓ Catalán oriental

Los **rasgos fonéticos** más característicos:

- ✓ Conservación de la *f*- latina inicial
- ✓ Conservación del grupo *cl, pl, fl*
- ✓ Sonorización de *p, t, c*, que dan respectivamente *b, d, g*.
- ✓ Pérdida de vocales finales: vent (viento)



Área de influencia del catalán 1. El catalán en Cataluña

Zona



Fonología

- Tiene dos variedades de /e/ y de /o/: /e/ y /o/ abierta y /e/ y /o/ cerrada.
- No posee los fonemas /j/ y /z/.
- La // inicial de palabra y la -/ final de palabra se pronuncian de modo distinto a como lo hacen en castellano.
- La -ch final de palabra se pronuncia [k].
- El grupo *ny* se pronuncia [ɲ].

Morfología

- El pretérito perfecto simple es un tiempo compuesto en catalán. Se forma con el verbo *ir* seguido de infinitivo. Así, *vaig cantar* significa 'canté'.

Vocabulario

- *Dona*: señora.
- *Platja*: playa.
- *Porta*: puerta.
- *Plorar*: llorar.

Área de influencia del catalán 2. El valenciano

Zona



Fonología

- Su sistema vocálico es distinto al del catalán hablado en Cataluña. Las vocales se pronuncian más abiertas.

Morfología

- El morfema de la 1.ª p. sing. del presente de indicativo es -e frente al del catalán que es -o (pronunciado [u]).
- Conserva el pretérito perfecto simple: *cantí* (canté), *sentí* (sentí).

Vocabulario

- Gran cantidad de arabismos: *dacsa* (maíz), *safanoria* (zanahoria).
- Palabras de etimología similar a la de las correspondientes palabras castellanas: *espill* (espejo), *corder* (cordero).

Área de influencia del catalán 3. El catalán en las islas Baleares

Zona



Fonología

- La *-d* final de palabra se pronuncia como [t].
- La *-a* final de palabra se pronuncia como [e] abierta.

Morfología

- Se usan los artículos *es* y *sa* en lugar de *el* y *la*.

Vocabulario

- Partícula *c'an*: en casa de.

El gallego

Es el segundo idioma no castellano de España por número de hablantes, aproximadamente tres millones de personas en Galicia y comarcas limítrofes. Aunque no se puede hablar de fragmentación dialectal, diversos autores coinciden en dividir el territorio gallego-hablante en tres bloques:

- ✓ Occidental
- ✓ Central
- ✓ y Oriental



El gallego

Zona



Fonología

- Posee consonantes distintas a las del castellano: *x*, que se pronuncia /sh/.
- Conserva la *-e* final latina: *calidade*.
- La *-l-* y la *-n-* desaparecen entre vocales: *lua* (luna).
- Conserva el grupo *-it-* que en castellano dio lugar a *-ch-*: *leite* (leche).

Morfología

- Diminutivos en *-iño/-iña*: *casiña*.

Vocabulario

- Rua*: calle.
- Estrada*: carretera.
- Meiga*: bruja.
- Concello*: ayuntamiento.

El euskera o vasco

El euskera o vascuence es el **tercer idioma** de España por número de hablantes, aunque también se extiende por algunas comarcas del sur de Francia, además del País Vasco y de parte del norte de Navarra. Es la única lengua peninsular que **no procede del latín**.

El uso de la lengua vasca no es homogéneo en todo su ámbito lingüístico: los porcentajes más altos de conocimiento y uso del idioma se dan en Guipúzcoa, en la zona norte de Navarra y en Irripalde, y donde menos se usa es en la zona de Álava.

En gran parte del territorio español, como ya hemos visto, se produce el fenómeno del **bilingüismo**.



El vasco

Zona



Fonología

- El grupo *tx* se pronuncia [ch].
- La grafía *k* /k/ aparece con mucha más frecuencia que en castellano.

Morfología

- Posee un sistema de casos para marcar las funciones sintácticas.

Vocabulario

- Agur*: ¡adiós!
- Aita*: padre.
- Kalea*: calle.
- Pelotarri*: jugador de pelota vasca.

Ejercicios

HISTORIA DEL ESPAÑOL

La historia del idioma español comienza con (1)_____ el del *Imperio Romano* más precisamente de la zona central del norte de Hispania. Tras la caída del Imperio Romano en el siglo V, la influencia del latín culto en la gente común fue disminuyendo paulatinamente.

El latín hablado de entonces fue el fermento de las variedades romances hispánicas, entre ellas el castellano (2)_____ origen a su vez (al menos en la proporción mayor) de las variedades que constituyen la lengua española. En el siglo VIII, la invasión (3)_____ de la (4)_____ hace que se formen dos zonas bien diferenciadas. En (5)_____, se hablarán los dialectos romances englobados con el término (6)_____ (no árabe), además de las lenguas de la minoría extranjera. Mientras, en la zona en que se forman los reinos cristianos desde pocos años después del inicio de la dominación musulmana, comenzará una evolución divergente, en la que surgen varias modalidades (7) _____; la catalana, la aragonesa, la astur-leonesa y la gallego-portuguesa, además de la (8) _____, que resultaría dominante entre la población de la península.

La lengua originaria castellana se originó en el condado medieval de Castilla, con influencias (9)_____ y de los germanos (10)_____.

El momento decisivo de la unificación y afianzamiento del idioma castellano se dio durante el reinado de (11)_____, (1252-1284).

Evolución del español

El (12) _____ se extendió por la península durante la (13) _____ debido a la continua expansión del Reino de Castilla periodo de expansión militar.

En el siglo XV el castellano se había introducido en casi toda España y era ampliamente mayoritario. En (14)_____ el sevillano (15)_____ publicó en Salamanca su *Grammatica*, primer tratado de gramática de la lengua española, y también primero de una lengua neolatina europea.

Se estima que a mediados del siglo XVI el 80% de los españoles hablaba castellano.

Castellano (12)	1492 (14)	Península ibérica (4)	Mozárabe (6)
Romances (7)	Antiguo (2)	Alfonso X (11)	Antonio de Nebrija (15)
Musulmana (3)	Al-Ándalus (5)	Reconquista (13)	Baja Edad Media (13)
Latín Vulgar (1)	Vascas (9)	Castellana (8)	Visigodos (10)

Variedades lingüísticas

De las varias hipótesis, escoge la correcta según la pregunta.

El gallego es:

- a. un dialecto del español.
- b. un dialecto del portugués.
- c. un dialecto del latín.
- d. una lengua celta.

¿Qué afirmación no es correcta?

- a. El catalán es un dialecto del latín.
- b. El aragonés es un dialecto del catalán.
- c. El gallego es una lengua románica.
- d. El leonés es un dialecto del latín.

El seseo consiste en:

- a. la sustitución de /θ/ por /s/.
- b. la sustitución de /z/ por /s/.
- c. la oposición entre /z/ o /θ/ y /s/.
- d. decir *caza* en lugar de *casa*.

¿Qué afirmación no es correcta?

- e. El gallego es una lengua romance.
- f. El gallego es un dialecto del latín.
- g. El andaluz es un dialecto del español.
- h. El catalán proviene de la lengua de oc.

¿Qué afirmación es incorrecta?

- i. El gallego no proviene del celta.
- j. El gallego es un dialecto del latín.
- k. El euskera es una lengua romance.
- l. El catalán no es un dialecto del español.

El extremeño es:

- m. un dialecto fronterizo-portugués.
- n. un dialecto del español.
- o. un subdialecto del andaluz.
- p. un dialecto del latín.

Señale la afirmación incorrecta.

- q. El catalán es un dialecto del latín.
- r. El aragonés es un dialecto del catalán.
- s. El gallego es una lengua románica.
- t. El leonés es un dialecto del latín.

El gallego es:

- u. un dialecto del portugués.
- v. una lengua prerromana (céltica).
- w. un dialecto del latín.
- x. un dialecto del español.

¿Qué afirmación es incorrecta?

- y. Español o castellano, catalán, gallego y vasco son lenguas de España.
- z. Extremeño, andaluz, canario y murciano son dialectos del español.
- aa. Catalán, vasco, gallego y español son lenguas romances o románicas, es decir, proceden del latín
- bb. Aragonés y leonés son dialectos del latín.

Son lenguas románicas:

- cc. todas las que hablaban los romanos.
- dd. todas las que se hablan en la antigua Romania.
- ee. todas las que proceden del latín (vulgar).
- ff. sólo las que se hablan en España.

El valenciano es:

- gg. la manera de hablar la lengua catalana en el País Valenciano, es decir, un dialecto del catalán.
- hh. una lengua autóctona del País Valenciano con escasas semejanzas con el catalán.
- ii. un dialecto del castellano.
- jj. dos de las opciones anteriores son correctas.

Los dialectos históricos hablados aún en España son:

- kk. el aragonés y el mozárabe.
- ll. el aragonés y el leonés.
- mm. el aragonés, el leonés y el judeo español.
- nn. el euskera, el leonés y el aragonés.

Una lengua se distingue de un dialecto:

- oo. en que la hablan más personas.
- pp. en que una lengua permite a sus hablantes comunicarse mejor que un dialecto en su vida privada.
- qq. en que la lengua posee una norma, producto de haber sido escrita y usada como lengua literaria y culta.
- rr. en que la lengua proviene del latín.

¿Cuál de estas grafías no utiliza el catalán?

- ss. S
- tt. Ç
- uu. ñ
- vv. X

Completa el siguiente cuadro:

